

Poesia

“Nzambi” or “Kalunga” (god). (Deus) – “Twafwa ny kongo binga iji makoka” Um casal foi consultar Nzambi, acerca da forma de preparar a sua lavra, cuidar das sementes e cozinhar os alimentos depois de crescidos. Certo dia, o homem ao regressar da caça encontrou junto à porta de sua casa um “kongo” (cabra do mato), que logo abateu com uma flecha certa. Quando a mulher chegou da lavra censurou o companheiro por ter procedido tão precipitadamente, pois já devorava parte da carne sem ao menos esperar que ela a arranjasse.

Passados tempos voltaram a Nzambi, para dizer que o mensageiro ainda não tinha chegado. Este, interrogou o Sol e a Lua, e os astros disseram ter visto passar o “Kongo”. Nzambi mandou então passar as pessoas para uma comprida gruta, para ver como se preparam alimentos, mas no caminho, encontraram saborosa carne de “Kongo” e não resistiram, sendo tal demora que acabaram por ficar subterrados. O Sol e a Lua que também passaram na referida gruta, tocaram numa bola de “pemba” (argila branca) que encontraram no caminho, deixaram as pessoas e os alimentos; rompeu o Sol mais radioso no dia seguinte e a Lua surgiu mais resplandecente ao 4º dia. Acrescenta Muatshisua que ainda hoje os caçadores Quiocos recebem matar “Kongo” dizendo que é animal de Nzambi.

OLÍMIAS

Copyright © 2005, by Adriano Botelho de Vasconcelos &
União dos Escritores Angolanos

Prefácio:

Ana de Sá

Capa:

Desenhos na areia

Sonia

Contra-Capa:

Mãos entrelaçadas do autor
e uma em punho do
contista Cornélio Caley

Revisão:

Ana de Sá e Nilton Vasconcelos

Verbete do escritor

[www.uea-angola.org/link: Bio-quem](http://www.uea-angola.org/link:Bio-quem)

Depósito Legal Nº. 2784/05

Tiragem:

1.200 exemplares

1ª Edição: Luanda, 2005

Colecção: «Guaches da vida», nº 20

Todos os direitos desta edição à UEA

E-mail

Site – www.uea-angola.org

Fax: 222 – 323205 Telefones: 222 – 323205/222 - 322421

E-mail do escritor: vasconcelosab@yahoo.com

ADRIANO BOTELHO DE VASCONCELOS

OLÍMIAS



União dos Escritores Angolanos
«Guaches da Vida»



«Só os barcos no mar descobrem a planície do silêncio»

«Há uma alegria, clara como aguardente e com pose de bancos de jardim traindo-se como engodo do crime»

*in «Abismos de Silêncio»
Vasconcelos, AB*



Vozes internamente viajantes
Percursos por Olímias
Ana de Sá



A condensação de lugares, tempos e vozes faz-se na estranha palavra *Olimias*, que tudo pode querer significar. Prendamo-nos aos fios que pendem e nos levam por viagens interiores. Nelas, tantas vezes o barqueiro se transfigura em Caronte, ora sinistro, ora estranhamente portador de mensagens benfazejas, ora aglutinador de ambas. Enquanto título desta reunião de poemas agora publicada por Adriano Botelho de Vasconcelos, *Olimias* traz-nos muito de *Tábua*, a sua obra anterior. Inclusive, foi aquele o primeiro nome atribuído ao poemário vencedor da edição de 2003 do Grande Prémio Sonangol de Literatura.

Olimias que agora conhecemos estrutura-se em cinco partes: um texto introdutório do poeta, três núcleos da célula central e, por fim, um “Andamento” a rematar as exposições anteriores. Os títulos de cada divisão colectam a intimidade do pensamento do eu poético, a concretude de elementos físicos buscados à natureza, os permanentes jogos de presença e de ausência e de certeza e de hipótese. Depois de se dar o centro do palco ao papel dos poemas, dá-se o protagonismo ao “Andamento”, um lugar onde se explicam espaços surpreendentemente abertos em alguns versos, um lugar onde se corroboram ideias que poderiam não ter ficado de uma forma aceitável – na óptica do criador – no espaço do verso. Há, enfim, em cada alínea aberta, a junção das mensagens já trazidas nos poemas e também já desenvolvidas nos diálogos, às quais se aliam provérbios para que, conjuntamente, ergam uma voz uníssona.

Vasconcelos, AB • 11

Deter-me-ei agora com mais atenção no texto de introdução, onde se dilui a criação *sujeito poético* para se revelar o poeta, o homem por trás dos textos. É um discurso metapoético desvendador de escolhas e onde se procura a legitimação do valor da poesia agora publicada, mediante as palavras do próprio autor e as de outros agentes que configuram obras anteriores. O autor, pela sua própria pena, partilha o processo de composição que subjaz a este livro, as escolhas, as selecções que permitem a feitura de poesia. Partilha, deste modo, a intimidade da comunhão com as palavras, os modelos seguidos e a conjugação de elementos numa só voz poética.

Assume como ponto de partida um mote ou um título extenso (mais do que o que seria “comum”), com o respectivo desenvolvimento (ou “metástases”, como lhes chama o poeta) no corpo do poema.

Reitera que a sua preferência se situa nos versos em prosa em continuidade sistemática. Um poema não acaba, assim, no último verso, a ideia não se esgota no verso ou na frase, notando-se uma continuidade nas restantes páginas pelo retomar das ideias em novos versos, em novos poemas: “evidente constatação de que um poema não se esgota, não se podendo dizer no fim de um verso: «é tudo!, oh, coração, esgotei as tuas inquietações!»”.

Uma terceira estratégia materializa-se nos diálogos, que são espaço e tempo, para o poeta. Eles fazem igualmente – porque não são os únicos agentes com essa condição – a síntese entre essas duas categorias e transmitem a idiosincrasia do sujeito poético que se revela.

Esta trilogia título/poesia-em-prosa/diálogo serve para “dedilhar a harpa das nossas vidas”, onde o *eu* assume-se como plural. Contudo, acrescento uma quarta feição formal original destas escolhas poéticas: as alíneas abertas em alguns poemas que depois têm explicação no “Andamento” que surge no final da obra e ao qual já aludi anteriormente. As teias entre poemas também se fazem assim e não apenas de transição para transição de versos, partes de poema e poemas. Neste remate da obra, trava-se um diálogo não só com outras artes da

palavra falada, escrita e encenada e com artes plásticas, mas também com a música, que não se esgota nos ritmos imprimidos ao verbo e nas estruturas dos poemas, mas que vai até à selecção do título “Andamento”, esse desenvolvimento melódico de determinada composição musical que os musicólogos prontamente identificam.

É nítido o desígnio de escapar ao mais aparentemente “simples”. É certa a vontade de inovar, de abraçar a cada momento a originalidade. É óbvia a necessidade permanente de ruptura em cada novo título, em cada novo livro: ruptura para com a sua poesia, ruptura para com os cânones (sejam eles de que ordem forem, pessoais ou universais, caso estes existam), para com o sistema literário angolano, para com a sociedade, para com a transmissão de determinados valores em renovação e em questionamento constantes. Mas não se pense que se trata de uma defesa de valores de negação permanente, pelo contrário, o fito está sempre em valores supremos de justiça, de belo, de bom. E a eles voltarei quando me centrar mais nos temas de *Olimias*.

Estamos perante um conjunto de textos que não poderão – nem é essa a pretensão dos agentes neles implicados – enquadrar-se em determinado género literário tido como mais “clássico”. Assistimos a uma completa desconstrução genológica, na qual a única validação que se faz é a do discurso. Nesta configuração, regra geral, o poeta optou por frases complexas, com vários elementos que se conjugam, se antetizam, se subordinam, se coordenam. São frases-teias de pensamento em espiral que nos enredam, que nos fazem voltar atrás para percebermos melhor os sentidos, as urdiduras, as armadilhas e as precisões expostas pelas palavras e pelas construções sintácticas escolhidas.

Hoje, vivemos uma época de plenas desconstruções e a discursividade pode representar essa desconstrução, elaborada talvez paradoxalmente como símbolo de construção e não como a sua negação. À falta de melhor termo, estamos perante uma escrita *pós-moderna* nas suas escolhas. Ou, porque não, perante novas e actuais formas de barroco, que inclusive expõe o palco da vida e a sua encenação dramática em vários poemas de Adriano Botelho de Vasconcelos.

Vasconcelos, AB • 13

Aliás, é frequente que haja um destinatário preciso, na segunda pessoa verbal, das mensagens poéticas, das inquietações mais íntimas do sujeito, das suas dúvidas e certezas. Para além dos monólogos imaginados e dos diálogos experimentados, outros elementos há que conferem dramaticidade aos poemas, como o uso sistemático de interjeições e de vocativos. Também assim se condensam diferentes géneros literários nesta poesia.

Não será só por causa dos vários processos de composição aglutinados que esta lírica é complexa. É-o igualmente por alguns temas escolhidos, ainda de difícil digestão na vida singular do actor que está por trás do sujeito poético, como também no país que lhe serve de macro-cenário. Levantam-se pedras pesadas cujo som ainda desperta rumores julgados antigos, cujas pontas afiadas ainda ferem como antes, cujas cores opacas ainda confundem a visão. A poesia pode purificar pelo alerta. Pode fazer esquecer a amnésia voluntária. É uma catarse de passagem pela sombra e pela história. Afinal, somos a construção de uma vida que passa “por diferentes períodos, pedestais, lamas, palácios e cárceres”.

Numa viagem pelo seu percurso, as verdades do poeta emergem. Para além da dúvida (geralmente conducente ao conhecimento), muitas vezes o tom é de certeza axiomática, mas em permanente inquirição, melhoramento e adaptação circunstancial. Daqui não estão longe vários jogos de tensões entre Deus e Diabo e entre Deus, Diabo e sujeito poético. Estes conflitos tomam forma também entre a vida real, a morte real, a vida nos livros, a morte ficcionada, ou seja, várias formas de sentir as realidades e de as acentuar.

Talvez a realidade mais pungentemente rememorada seja a da perda, em especial a da perda sem respostas. Trazem-se as memórias emocionais do cárcere, a demanda de justiça e de respostas para os momentos exteriores de liberdade e de sangue nos quais não se participou. Sabemos que a morte pode ser privação imposta e decidida por outrem. Sabemos também que pode acontecer sem justificações racionais. O poeta não tem pejo em soltar palavras como “criminosos”

ou “assassinos” e outras que comungam o mesmo significado. Elas contribuem para a crueza das palavras na transmissão da distância entre ideologia e prática, entre teoria e acção humana, entre passado e presente ou entre realidade sentida e realidade desejada. É notória em alguns textos a carga histórica e ideológica que enforma o sujeito transportada para a voz da poesia, a marcação temporal bem precisa e identificável de memórias cercadas e transmitidas, inesgotável e sempre renovável assunto poético em Adriano Botelho de Vasconcelos:

“Chamem um carcereiro cubano distante da sua terra natal para dizer se uma utopia tirada de um contentor pode salvar um país quando Fidel está acordado sobre o sono que Lenine prefere passear com duas algemas”.

Este poeta angolano eterniza pelas palavras ao longo da sua obra até agora publicada o que tantas vezes se quer e continua a querer silenciado. Mas não deixa de se ler a urgente hora de viragem, de transformação da tragédia em bonança, em dias que não são de esperança mas de certeza de um amanhã melhor e com respostas às dúvidas que insistem em consumir, por nunca se verem esclarecidas, por não estarem resolvidas.

Exaltam-se valores pátrios na sua grandeza e na sua humanidade, como provérbios vários, acções dos sobas ou o rio Kwanza. Porém, têm também uma outra face, a contrária, já que escondem a morte e tentam colocar factos numa letargia que não busca o acordar.

A morte é, pois, um tema de eleição em *Olimias*. Nas sucessivas mortes por que vai passando uma pessoa no caminho que faz na vida. Na morte concreta, ainda que sem corpos para se verem cumpridos os rituais do óbito, de pessoas reais que passam por nós e que nos deixam as marcas que só o amor ou o ódio consentem. Nas sucessivas mortes que nos fazem perder os amados, que nos fazem perdermo-nos aos poucos.

Em aliança surge a dor das pessoas que já perderam, o choro por quem foi antes de tempo, de modo misterioso, por quem sucumbiu às

Vasconcelos, AB • 15

malhas da história comandada a dado momento por outros que saíram momentaneamente mais fortes. É pungente a dor de mães dilaceradas: são um *eu* que o poeta incorpora e a quem dá vida e voz, mães tiradas da obscuridade e do silêncio a que a história pode fazer votar.

É também este o caso da história de heróis onde não cabem os que são cantados em alguns destes poemas de *Olímpias*. Mais do que cantados, são heróis admirados e amados:

“um herói ama-se por dentro das suas majestosas palavras já que as suas ideias cercam a vida”.

Cabem também neste livro as homenagens simbólicas aos heróis mais-velhos, a figuras dos imaginários pessoal, angolano e poético universal, de Velho Tiba a António Jacinto, de Viriato da Cruz a Pablo Neruda, que cantou erotismos em imortalizados *Veinte Poemas de Amor y una Canción Desesperada*. Como para o poeta chileno, creio que podemos dizer que dor, poesia, amor e comunhão erótica são nos versos de *Olímpias*

“Oscuros cauces donde la sed eterna sigue,
y la fatiga sigue, y el dolor infinito”.

O erotismo é um lugar de partilha, é um sonho concretizado, é um espaço de contemplação do belo. Os adereços que usam os sujeitos intervenientes nos poemas-acções cobrem o corpo, ornamentam, embelezam, transfiguram, modificam, tornam-nos mais *outros*. Os ornamentos físicos ora põem a nu as almas, ora desvendam o sentido do belo e do físico, tendo como veículo de transmissão os sentidos que potenciam o máximo de sensualidade. O olhar, o tacto, a profusão de físico faz-se através da união amorosa.

Neste campo, há uma contradição – aparente (?) – entre fecundidade e morte, numa presença simultânea. Esta não anula aquela e não faz com que deixe de existir, não impede que o corpo se renove e seja cantado no seu esplendor em todos os versos, desde que o poeta

assim o deseje. A morte também não anula o amor. Sentimos, como já se viu, a mãe anónima e a mãe do sujeito poético em poemas que conjugam a maternidade, a morte, a dor, a irmandade, a dúvida, a certeza, a família, a religiosidade. Sentimos que a fecundação não se extinguiu no deserto pleno de mágoa.

Por esta evidência, latente em todos os poemas está a generosidade da entrega do corpo e da entrega da alma. Em todas as palavras, perscruta-se a alma de que falam os versos

“hei-de limpar
com alma os teus
olhos”.

A alma da acção de conforto e amor e a alma das vozes que convergem na do poeta, que as aglutina e transforma em suas palavras. Nem sempre há acordo entre transmissor e transmitido, mas não há também a tentação de uniformizar numa única voz. Esta é uma das várias raízes da necessidade formal do diálogo claramente delimitado nos poemas em que surge, da obrigação de pôr a nu as divergências que fazem os nossos caminhar. Até a voz de Deus se faz sentir directamente, em discurso directo, nos poemas. Está em diálogo com a sua criação humana, com esse espelho Seu.

Outros jogos de reflexos e imagens presentificam-se nos diálogos – e a eles retorno – de personagens criadas pelo poeta e também de actores/agentes que o invadem. Neste sentido, serão personagens em busca de um autor que lhes dê voz e que as eternize pela palavra. Em *Olimias* escutamos a voz do sujeito poético e a voz dos outros que ele não só incorpora, como também deixa que o absorvam. São vozes tantas vezes incómodas, dissonantes e discordantes, inquietantes, permanentes. O diálogo faz-se não só com outros seres imaginados, mas também com o próprio eu lírico, num confronto sem redes e sem subterfúgios. A poesia permite este jogo, potencia-o e faz com que ele chegue a ser cruel de tão intenso, de tantos confrontos e debates explosivos. O nosso mais temível adversário podemos ser nós mesmos:

Vasconcelos, AB • 17

os nossos medos, os nossos receios, as nossas angústias, as nossas escolhas, os nossos arrependimentos, as nossas alegrias, a nossa personalidade, as nossas virtudes e defeitos, e tantas mais enumerações. Fazemos a nossa voz como *outros* emergir. Mas nem todos seremos como Adriano Botelho de Vasconcelos nesta obra, pois ele teve a coragem de transformar essas lutas em diálogos sedimentadores de auto-gnose, de compreensão da pátria, de polémica e de paradoxo.

Alguns, poucos, tantos paradoxos? Talvez! Em sentimentos e em palavras. Do poeta e meus. Mas com a certeza da partilha que também pretendi fazer com este texto. A certeza da comunhão da leitura subjectiva. A da comunhão do valor máximo da Amizade.

E assim se realizará a continuidade cíclica do remate que escolhi para este texto e que fui buscar a *Olimias*. Não podemos deixar de admirar e amar

“porque toda a vida é vigiada pelas utopias”.

Ana Lúcia de Sá
Ervedal da Beira (Portugal), Setembro de 2005

*«Um homem guarda no medo aquele pânico capaz
de o fazer herói.»*

in «Abismos de Silêncio»
Vasconcelos, AB



Viajo tão fundo dentro de mim, lá onde os meus limites estão no que não entendo. Já no fim do percurso criativo, todas as melhores palavras não estão à espera e na pedra abre-se a amnésia.

Adriano Botelho de Vasconcelos



Em *Olimias*, alguns poemas conhecem três *corpus* poéticos. Essa opção corresponde ao exercício de plastificação dos títulos como parte da expressão poética do (macro)texto. Inocência Mata, em *Tábua*, designa o tipo de títulos como *motes* e considera que com esta opção criativa “a glosa amplifica o teor sentencioso do mote, porém problematizando, por vezes na contramão, a ideia matricial”. E reforça que “os exemplos dessa tensão dialógica entre o mote e as suas voltas percorrem o (macro)texto, assim perspectivando uma significação feita de contraditório – como deve ser um sistema, político, social, cultural ou identitário...”. O próprio poema, enquanto elemento nuclear, tem metástases do “mote” como fragmentos que são usados para estabelecer os diálogos ou para fazerem a sobreposição de alegorias que concorrem também como elementos de interrogação, conferindo muito mais sentido filosófico aos poemas.

*“Uma mão pode fazer a duração do sonho
se tiver no seu barro o que se pode adiantar
como preço dos erros de Deus quando o trigo não fazia
ainda sorrir a terra e separe do seu húmus
os mortos que fazem ouvir
as queixas”.*

No (macro)texto é sentenciado, como parte de um jogo de contradições que:

Vasconcelos, AB • 23

“*Toda a mão se engana no fim do sonho
porque o barro tem a sua ordem e o seu sopro de milagre*”

ou ainda que

“*Toda a mão se engana no fim do sonho
porque o barro é quem mais serve na sua vaidade
as aguarelas que seguram na tela
a utopia*”.

Desde *Anamnese* (Lisboa, 1989), tenciono que o meu processo de escolha de um título seja muito mais do que o mero exercício de “baptismo”. Com igual valia criativa, encontra-se em *Abismos de Silêncio* (Luanda, 1996) um risco mais expressivo, já que em maior número os títulos são partes indissociáveis do poema. No prefácio ao livro, Marta Leão dá destaque a esses rasgos estilísticos e teoriza que “o poema constrói-se nessa trajectória da linguagem que, impulsionada por uma ideia chave – às vezes condensada num enunciado título –, vai sondando o oculto, vai colhendo e agregando imagens múltiplas que, por vezes aparentemente descontínuas, mais não visam do que tentar abranger a complexidade das vivências humanas”. São motivações ideológicas e estruturais que corresponderam à minha convicção de que por essa via aumentaria os aspectos *formalistas* da minha escrita e de que não teria formas idênticas ou paralelas que permitissem fazer os estudos comparativos. E, podem crer, ainda hoje digo para mim mesmo “Foi bom o risco”. Está aí uma opção estética que não encontra paralelo na poesia angolana.

Como título de um poema temos a seguinte estrofe: “*como se pode ficar tão perto das coisas / e os dedos não memorizam as paisagens / desagregação em fumos de amnésia*” (*Abismos de Silêncio*, p. 12); no poema, uma quase repetição procura novos efeitos: “*como se pode ficar tão perto das coisas sem as olhar por dentro?*”. É esse jogo de alegorias, metáforas, «almas» e detalhes por vezes contraditórios que vão tornar mais singulares e exaltantes os poemas, no “sentido de evitar o estereótipo, a optar pelo risco, nesse perigoso e fascinante jogo entre

forma e sentido” e de obter a “autenticidade da voz que a configura” (palavras de Marta Leão, in *Abismos de Silêncio*, p. 4).

Um outro elemento de eleição é o diálogo. Este constrói-se como fio narrativo que por vezes substitui as estrofes, porque sempre considerarei – e mais certeza tive quando levaram *Tábua* à cena pela mão do Grupo de Teatro Nzinga Mbandi – que os poemas podem tornar-se nos verbos e veios dos nossos diálogos. São, na verdade, valores e práticas ficcionais que mais ganhos interpretativos trazem para os poemas. O diálogo aumenta as possibilidades simbólicas e cria novos espaços de inquietações. Traz o conflito como elemento das tensões e acções através das mais intensas réplicas. Os diálogos são urdiduras novelísticas e de dramaturgia até para que o poema seja uma tribuna da mais intensa reflexão sobre o nosso mundo. Muitas vezes esses diálogos são estabelecidos pelos diversos “eus” das múltiplas cogitações ou insónias do poeta, outras vezes surgem como “falares” de sujeitos “ideologicamente” distantes de tudo aquilo que apregoo, mas que entram para o corpus poético.

“Em cada um de nós há um punhado de quimeras, por isso vivemos de insónias e procuramos agarrar com vigor as partes doridas dos nossos «eus». Assim o verso assume identidade própria em relação à vida, já não são partes e restos, completam-se; dá-se então o fenómeno das «esculturas» sintácticas, exteriorizadas em construções paradoxais, violentas, herméticas na aparência, à procura de formas inéditas capazes de imprimirem o oxigénio da vida nas páginas brancas” (contra-capas de *Células de Ilusão Armada*, 1983). São palavras antigas que traçaram a linha ideo-estética das minhas propostas num contexto político que excluía os valores da interioridade humana, preceitos que são hoje o meu manifesto porque sempre defendi que os povos deveriam ter as interrogações como o único recurso de salvação: “É preciso conter nas estrofes tão grande complexidade de ideias que encerram a plasticidade do verbo e a expressão filosófica do amanhã. Encontraremos a alegoria que destruirá a forma antiga de dizer poesia” (contra-capas de *Células de Ilusão Armada*, 1983).

Vasconcelos, AB • 25

Em *Tábua*, podem encontrar os inúmeros diálogos sem aspas, apesar de no seu todo o livro não espelhar ainda de forma significativa essa tendência dominante, como constatarão em «Olímias»:

“Que um dia os morros se encontrem seria o desejo que destruiria quem o fez” (*Tábua*, p. 52),

ou

“Eu, fico, até para que a morte se distraia com os meus gritos e devaneios próprios de quem já viveu tudo” (*Tábua*, p. 52).

Posso confessar que muitos versos são diálogos, apesar de a sua complexidade os tirar do uso comum ou quotidiano; são falas do discurso directo, apesar da tensão subjectiva. Faltam-lhes os sinais de travessão, de dois pontos, aspas ou comas: é uma opção estética que traz os elementos do espaço e tempo para o domínio lírico. Mas sugerem diálogo:

“Os mares são quem mais desfazem as viagens que chegam de todos os lados da insónia” (*Tábua*, p. 82)

ou

“((Quem vai pôr a mão direita no lixo putrefacto para salvar uma palavra))” (*Tábua*, p. 108).

Desde a poesia homérica que os poemas podem ter os diálogos como elementos fundamentais, mas, na verdade, hoje estão em desuso (darei que esta opção está ausente em quase toda a poesia moderna angolana), mas tenho esse rasgo estilístico como um grande recurso por podermos colocar na “boca” de vários protagonistas as palavras (interpelações) que podem ser fulminantes na lógica discursiva dos versos.

Contudo, como processo de algum ineditismo, destaco o terceiro elemento estrutural que dá realce a necessidade de um novo momento onde cada poema possa ter de forma autónoma e em paginação própria

novos versos em prosa que aumentassem a sua carga emotiva. Isto até como a mais evidente constatação de que um poema não se esgota, não se podendo dizer no fim de um verso: “é tudo!, oh, coração, esgotei as tuas inquietações!”. Por vezes dou-me a matutar com os botões mais filosóficos: “O título é uma porta de entrada”. Com mais força especulativa respondem-me que “é uma tela de ensaios para onde deves atirar as palavras e ideias que vão mais tarde constituir a tua verdade”. Já não sei pensar num título com uma ou três palavras que possam ser tudo.

Se a questão dos títulos está já cristalizada nas minhas opções de ruptura, sinto que nos próximos livros precisarei de novos espaços, porque entendo que uma estrofe pode conhecer de forma autónoma ou pela via intertransversal um outro macro(texto) cheio de tensões filosóficas, de desconstrução dos provérbios, que valorize os novos ângulos de intimismo e cujo novo *corpus* seja colocado no fim do livro como *andamento* do poema.

Já estipulei, com alguma violência interior, os fins dos poemas com pontos finais como ditam as regras gramaticais: “Por aqui fica ideia e utopias, por mais alto que seja o palco eu agora vou sem ti pelo mundo afora”. Mas as emoções que estão amalgamadas ao meu labor poético que antecede o tal ponto final vezes mil não ficam presas aí, não permanecem inertes como são as “radiografias” sociológicas por não terem um depois, um quase instante que se vive quantas vezes de forma mais intensa como se essas inquietações, apêndices das origens emocionais, nos pedissem um lápis e muitas folhas e nos suplicassem uma aventura de fixação escrita do nosso ego.

O escultor pode dizer com toda a calma do mundo: “Ui! É esse o tronco, tem textura para aguentar os traços das minhas últimas insónias numa ponta de sabre”, e vai deixando os contornos finais da sua loucura, traços inalteráveis ajudados pelo martelo e escopro afiado na pedra de ferro. Por isso, desde há muito tenho pensando que em vários quadros poéticos precisaria de construir os três momentos e espaços para poder dedilhar a harpa das nossas vidas, experiência que acontece em *Olimias*.

Vasconcelos, AB • 27

Muitos dos poemas de *Anamnese*, *Abismos de Silêncio* e *Tábua* têm elementos fragmentados e estilizados dos nossos provérbios. Tenho tentado incrustar a sua forma expressiva nos meus poemários. Entendo que é um potencial de saberes endógenos, de máximas filosóficas e moralistas que tem contribuído para a poesia angolana conhecer novas plásticas e ganhar novas essências alegóricas.

Ainda é um exercício incipiente, teremos de dar-lhe mais espaços de desconstrução baseados numa perspectiva mais potenciadora dos seus recursos. No acto de criação, terei de sentir um apelo mais constante de escrita na base desses saberes milenares; não basta só o mero exercício de memorização e deleite, é importante que sinta que o seu uso, como parte nuclear das estrofes, pode colmatar a falta de palavras e metáforas que possam traduzir os meus turbilhões interiores, quase indizíveis, para que seja um elemento importante na “recuperação emotiva” de utopias, inquietações e motivações que parece não ser possível fixarem-se pela escrita. Só assim poderei dar uma maior densidade formal ao meu poemário, se for capaz de buscar os valores da oratura através das repetições de segmentos de versos, de incoerências, homofonias, metonímias, enfim, a técnica oral rica em recursos simbólicos.

Existem opções estéticas que vêm ainda do período colonial – como seja o uso de nomes africanos para reforçar a ambiência angolana (ver *Voz da Terra*, editada pela Lello, obra publicada muito antes dos acontecimentos do 25 de Abril) –, opções que estavam na esteira das grandes reivindicações da angolanidade e que tinham como objectos de eleição os artefactos (e não só!) regionais: sanga, ponda, sungura, óleo de palma, maluvo, manga, katembe, dongo, etc., uma mistura de sabores, cores e utilidades.

Nomes como Ximinha, Bissopas, João, o velho Tiba (um maluco que sabia longos trechos de grandes filósofos da antiguidade), Ndongo, Maria, Soba, e tantos outros que ganharam nova existência nos vários livros que antecederam a primeira obra (1974). É como se uma vida pudesse ter geografias emocionais tão

dísparos, complexas, passar por diferentes períodos, pedestais, lamas, palácios e cárceres. É, na verdade, um gozo quando decido de forma imperativa: “Oh, Tiba, voltas a estar aqui porque as cinzas não podem ser o fim... às vezes são húmus”, são nomes, heranças, impressões digitais, sinais de beleza, traços que constituem a perpetuação das memórias mais antigas até para que tenham “*um valor de família e não de epitáfio*” (expressão retirada do meu próximo livro de poemas, ainda inédito, *Nundjá*).

Ainda nesse longínquo período, Manuel Ferreira, professor de literatura africana, sobre a minha primeira obra, *Voz da Terra*, não deixou de exteriorizar a boa surpresa editorial quando referiu que o “jovem poeta de Malange” resolveu “com extrema facilidade e adequada linguagem uma certa complexidade temática. E com folgada desenvoltura linguística. Com ironia e humor, ou dramaticamente, o quadro se alarga: a alienação, a esperança, a fraternidade, a denúncia, o sexo”, visão que, infelizmente, muitos ensaístas pouco documentados ou animados por interesses políticos de exclusão dos diversos protagonistas da nossa literatura tentam de forma infrutífera apagar o meu primeiro título, que por ter sido publicado em 74, evidentemente, corresponde ao período que muitos designam de “Geração de 70”. No inventário literário, eu tenho o meu grito registado com alguma dignidade num período de cárceres. Interessa realçar, numa visão comparativa, que tais ensaístas terão sempre dificuldades em encontrar muitos *corpus* poéticos de grande substância poética (contidos em livros) que tenham sido profusamente distribuídos pelos canais oficiais de uma editora como a Lello, cuja edição de conteúdos não obedecia a uma estratégia marginal ou de “beco”.

No domínio oficial da escrita, confesso que, quando escrevo poesia – para além, naturalmente, do gosto quase teatral em estar diante dos vários “egos” e memórias –, existe muito sofrimento dentro do meu ego, um grande clímax que provoca estados incomodativos de tontura. Maior é a minha indisposição física quando viajo tão fundo dentro mim e já no fim do percurso criativo

Vasconcelos, AB • 29

todas as melhores palavras já lá não estão à espera. Olha-se com alguma luz o interior como se fosse cada vez mais necessária já não a palavra, mas a vida e as promessas que ela carrega. E tudo se abre com grande nitidez e ajuda da memória, porque o que nos fez desconfiar do mundo fica à porta.

Adriano Botelho de Vasconcelos

«Em toda a verdade humana há sempre algo de angustioso, de aflito, nós somos, e não estou a referir-me simplesmente à fragilidade da vida, somos uma pequena e trémula chama que a cada instante ameaça apagar-se», frase de uma mulher in «Ensaio sobre a lucidez», José Saramago.

«Depois de todas as derrotas não me peçam escolhas», in «Tábua», Adriano Botelho de Vasconcelos.

Vasconcelos, AB • 31



*Vem o mar preso a uma tábua que conhece
os naufrágios das nossas vidas.*

Vasconcelos, AB • 33



1. Estivemos nus sem que pudesses saber
em que mão estava a lenha que deixa as entranhas mais
nítidas. Ainda assim, apesar do silêncio que teces
com perdas de ti, recebeste de mim o que a ilusão deixara
como dádiva por lhe teres dado vida. Como se pode
aproximar do amor sem que tenhamos de perder algo
de nós mesmos sobre uma mesa escorregadia? Vem o mar
preso a uma tábua que conhece o lugar onde a lua
ilumina o luando através dos contornos de teu corpo
que se aproxima da sereia pelas das formas desiguais
das aguarelas que são deixadas soltas quando mexes o lençol
com os dois tornozelos. As missangas e o ouro tiram
do chão os teus pés como se um poeta tivesse por aí
descoberto a sua
loucura.

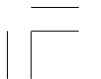
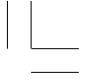
1.1. Tu desejas esse momento em que uma bandeja
tenha o poder de arranjar a sala... As folhas de milho brilham
e trazem um homem sem camisa, numa das suas mãos
a tua túnica rasgada na outra só tu ensaias a tua entrega
através de retratos e segredos que guardaste frente à insónia.
A terra é curta para as tuas viagens que te deixam mais à volta
do silêncio, completamente rota. Só o coração
salva um noivo quando vem pela desilusão a forma em lâmina
da vida. Do mar preferes roubar as areias de um naufrágio
não para que uma garrafa cheia de recados cortados
pelas dores engula o mundo, mas porque a insónia
que mais dura em tuas pálpebras levanta um sal de pedras
que deixam o homem sem camisa num castigo que abre
em sangue essa coisa que te faz febre.
Ah, a dor parece exótica, um defunto dança nos portos
das tuas tardes e permanentemente perguntas quem és
e mais estranhas te parecem as razões que te mantiveram
acordada. Ainda podes falar com uma parte do luto
que endureceu o barro que esteve a mais na mão
esquerda de Deus. Uma chávena de chá vazia e o dia
que mais somamos à idade. Oh, como tu danças
e anuncias com todas as tuas viagens
adiadas o que o sonho quer ensinar num antigo emblema
de sangue! Fazes parar o tempo à volta da maçã

(Cont.)

até que seja revelado o caos do primeiro jardim que abriu
o mundo para a insónia. Tens um nome para as coisas
e só precisas de as eleger com os olhos.

O espelho assusta, uma das rugas há muito que a esbato com
tudo que inebria a ilusão e mais fica em chaga. O espelho
não pode devolver-nos o que perdemos
da nossa crença e o que vem da sua obra é a velhice
que verga o tempo. Vem o mar que toca os teus cabelos
até deixar perdido em ti o que a lua inventara para a dolência
dos violões. No teu ombro esquerdo
(e parece que Deus dormira
sete dias nessa perfeição porque começa aí o realce
do teu busto que deixa um violão travado
à frente do mundo)

vejo pendurada a sereia que engana com morte os homens
e uma luz convoca os sentidos, traz juventude
para que não se perca o percurso dos teus gestos.
As missangas e o ouro levantam os teus tornozelos
e parece que não sobram dedos
para puxar a tua saia que ficara
à entrada.



2. Na cama coberta de linho branco
uma luz atravessa a humidade que empurra
o corpo para a única fraqueza que faz cair numa lagoa a lua.
– Os peixes só brilham porque toda a luz
lhes veio das luas naufragas desde o dia que Adão
se sentiu só.

Todo o corpo estendido, braços para a direcção
mais apontada à terra sem poderem dividir o pão.
As pernas abertas para que as gaivotas saibam a origem
do sal quando o mar enche o teu ventre. Só uma sede
pode apontar o percurso do mel, porque se torna penoso
poder cuidar do segredo quando a lua se deixa demorar
na ponta esquerda do teu seio onde vive o poeta
que com lápis poderia cortar o espelho e trazer
para o convívio:
bar.

2.1. O que foi que disseste que fez com que na ponta
de meus dedos toda a ficção prepare o lençol
como uma fruta tropical desenha um verão nos ombros
que deixas nus? As palavras de um longo silêncio atingem
o sonho muito antes da festa das metáforas que desarrumam
o mundo. E perante uma ideia que foi preparada
por um poeta, volto a ter uma força perto das unhas
que envolvem numa só dança a noite. Um travesseiro já foi
quem mais acudiu às nossas dúvidas
como se partíssemos de uma guerra e os generais
sentados escolhessem com lápis os túmulos
e nos ensinassem um hino que nunca levantaria um coro
nosso. Agora é o nosso prazer e feição diante de todas
as escolhas, umas que mais parecem devolver-te
a infância e teus irmãos com ânimos. Deixas o cemitério
de todas as tuas encruzilhadas distante para poderes escolher
uma nova juventude e sua loucura. Um cão, apesar de quatro
patas e seu farejo, não pode seguir pelos dois caminhos.
Escolhi uma só porta atingida pelos sinais de teu corpo
quando vi que podia conversar contigo como quem corrige
um poema no momento em que a insónia
mais castiga o quarto deixando no tapete vermelho uma cidade
com muitos homens ajoelhados e divididos pela solidão
que parte o violão. Perante a noite que está uma renda

40 • *Olimias*

(Cont.)

atrás de ti, encontro a insónia que se desenha no teu tornozelo
e uma almofada onde Deus faz as minhas
contas. É essa cintura de pedra que deixa o meu mundo
pronto para novas razões e às vezes queremos que essa dor
e sangue dos joelhos permaneçam só como um alerta
que se leva a passear no coração. Não, não contes com o tempo
de hoje o que restou de meu terço, que apenas o passado
o torna temeroso, que degenerara o âmago. A perda
acompanhar-nos-á em sorte para que da próxima vez do alto
de uma mentira não se faça pelo ódio
ou pelo teatro o herói. Um pé de sandália pode avisar-te
da sede que se viveu, das sanzalas que se perderam
nas amnésias que destruíram as intimidades,
mas nunca saberás o número de morros e rios que os homens
deixaram entregues às mãos de Deus. Assim como uma sombra
nem sempre guarda o criminoso, através dela eu vejo, amor,
como pode ser comprida a tua túnica: como uma casa.
Eu destaco o que vem com os teus gemidos que deixam a cama
iluminada que solta mais uma parte de mim na música
c1) que divide os dias. As *desilusões*
abertas como prova de que pouco mais se pode
fazer contra o
amor.

Vasconcelos, AB • 41



3. Disseste-me uma palavra que dança comigo
até sentir a boca com a tua saliva. Volto a falar de filhos
de forma íntima como quem perde o medo da morte.
Deixas cair o vinho onde muito mais sou do que a peça
do teu cálice. Os teus dentes chegam para colocarem
a desordem no meu olhar que tenta seguir cada
risco da tua ideia. Se estenderes o lençol deixa
com uma manga a marca onde chega o teu ventre.
Uma parte de meu corpo já não segue a minha
ordem, parece que há muito
o tomaste para as tuas
festas.

3.1. Disseste-me uma palavra que hoje dança dentro do meu sangue numa coroa de luz. E a lua pela insónia que vivo nunca se sentirá mais alta, nem sei se um poeta pode aguentá-la pelo tempo que dura uma ilusão a fazer-se em verso. (O que rodeavas de incertezas não podias viver). Até que dances com uma parte do meu corpo que mais parece pertencer-te: são as tuas mãos de mãe que seguram esse segredo que me aprisiona. Quando serves o vinho vem para dentro da minha boca a tua saliva para que através do seu musgo eu repita por cima das tuas palavras algo especial que ocupe o brilho do salão. Nas bandejas de prata vejo mulheres que seguram as terrinas de xaropes feitos de muitas ervas que cresceram na mão do Diabo. O vinho

– apesar da intensa beleza do cálice –
conheço-o dividido porque os mortos que não foram enterrados não querem ser esquecidos e através do seu néctar deixam âncoras nas mazelas da sanzala. Podes tirar-me através do batuque a tarde como se desfaz um bordado, pois é nessa altura que cuido de desfazer-me das desilusões quando o céu não serve para aumentar a imortalidade. Oh, amor!... Tombaram os homens primeiro que os sonhos como se tivéssemos como proveito uma série de desgraças que não podem fazer uma desculpa, mas só os sonhos que partem da lucidez podem encontrar um novo barro que aceite as mãos de um Deus mais perto de nós.

44 • *Olimias*

4. Poderiam as palavras ser uma só dádiva
na curva mais breve de um poema? Tudo se inicia
como se ganha um medo e o corpo salta para novos limites
que foram experimentados pelos amantes quando
prenderam numa fronha a tarde. A luz assim amarrotada
nas persianas não valoriza as arestas e as mãos conhecem
essas falhas que interessam aos pintores.
Uma folha desce pelas águas do rio Kapopa
e parece que a infância está aí imponente, o seu chão de adobe
e físgas. A primeira letra a brincar dentro de ti: paixão.
Olho para o teu corpo, o lençol com pontas presas na janela,
os tornozelos nas fronhas e pergunto se a morte nunca esteve
tão próxima de ser amada quando todo
o céu se descobre nos gestos
que usas.

4.1. A primeira letra a brincar em teu corpo
veio da mão de Viriato da Cruz, que saiu lançado da sua morte
com uma carta que precisava dos teus dedos para acenderem
a vela que se escondia por trás de teu
corpo: o lado do sim dobraste e já a música tinha escolhido
a tarde como seu ouvido. E nenhuma persianas, janelas e curvas
impediram que suas partituras caíssem no meio da rua
onde um poeta ficou todo o dia parado porque acompanhava
com os olhos de Viriato o que deixavas em aguarelas segurar
o céu através dos teus gemidos. E levanta-se um nome e um País
pela mão de um exilado para que o amor não nos deixe sozinhos,
nem a veste de um padre entre angústias
possa recordar os destellos. Pode-se ficar por uma esperança
se o céu nos cair em bondade. Oh, Deus, já o jornal anuncia
que mais poetas ficaram sem palavras! As mães deixaram-se
ficar nuas no hall das igrejas para falarem com Deus. Os leões
sabem pela sua obsessão como um ponto no meio do caos
é o centro do horizonte. E Deus, apenas porque a tudo fez
o Seu tempo, foi capaz de desviar o Seu olhar e ficar preguiçoso
sentado num monte que de tão alto aqui nos torna em nada
nos Seus esforços contemplativos. Uma bacia cheia de água
chegará para assegurar a nossa inocência quando novos Ugandas
tornam novamente os poetas como os principais cúmplices?
A primeira interrogação a brincar em tua sala redonda
veio de uma folha amarrotada deixada pelas mãos de Viriato
da Cruz, porque sabes ocupar toda a ilusão e não subemos
implorar-te para que lavasses numa só água a roupa
ensanguentada do melhor
irmão.

46 • *Olimias*

5. Deixas a porta do celeiro aberta
como quem procura numa ratoeira a bonança.

Os vizinhos esperam dar-te amor no tamanho

- a) e graça da tua caça. E contas com o silêncio que te empurra
com um terço que vem das desgraças para que Deus
não te engane no tempo que sentes ainda faltar
para que o batuque seja mais cheio: à porta. Podes partir
uma panela de barro, serve-te a mão que usaste na limpeza
do último esterco. Uma camisa branca vestida até pelo melhor
discípulo não deixa o interior da igreja mais
próxima do paraíso apesar da sua higiene
e beleza. A flauta que levanta a cabeça da cobra
não te pode desculpar pelos erros das escolhas, essa dolência
da alma foi-te útil para fugires de um combate
que os irmãos mais belos
preparam ainda no labirinto
de um ovo.

5.1. Uma cobra, por força das mil vezes enganada
por uma flauta, pode dormir no teu regaço apesar de o veneno
das suas entranhas poder turvar de pedra o teu sono.
Colocam à frente de ti mil virtudes
polidas pela mão mais longa e célere de um ficcionista
há dois anos sem dormir e constroem outras tantas praças
com estátuas perfeitas. E as crenças são imponentes
porque fazem toda a geografia que vai doer em exílios
por não aceitarmos o lugar do parto. O melhor batuque
toca-se na festa da sanzala mais distante para o vinho te chegar
farto e de boa palheta. Não, não permaneças de pé sobre o fio
de uma lâmina se tens que na praça descobrir o verdadeiro preço
da tua fuba de mandioca. O discurso num painel de publicidade
para que todo o teu interior tenha mais espaço para a utilidade
dos castiçais que marcam por dentro o verbo das tuas palavras,
mais parece que deves às estátuas tantos favores.
Dizem que a vida que passa por ti é mais um ensaio que consentes
porque tens da dor a pior marca: os filhos não voltaram e a porta
das colheitas deixas sem tranca, pode ser que as tragédias
tragam um soldado
aleijado e com
sede.

6. Oh, Kimbela, a morte do teu marido
podes chorar todos os dias no cemitério apoiada nos serviços
das floristas! Não posso deixar de me inclinar perante
o teu vale de lamentações onde se afunda a tua última fantasia
e do baú cheio de pó tiras a foto mais antiga do liceu.
Olhas para trás das vossas vidas e tudo se pode medir
pelo número certo dos degraus das vossas auroras.
Tudo se encaixa, o Diabo não foi capaz de alterar a fartura
da oferta que o céu soltou para o teu regaço e até exiges
que toda a sanzala te ofereça um dia de romarias e lágrimas...
mas a morte de tantos irmãos, oh, Kimbela!,
é a mais dura subtracção da minha vida porque é um veio
de sangue que se cortou e nos abre o fundo da existência
*(há uma parte da pátria que se parte
dentro de mim e só posso ter em minhas mãos
os estilhaços mais inclementes)*
para que nos encontremos com a nossa própria fraqueza
e a odiemos. E Deus – apesar de O termos como os únicos
ouvidos e olhos que descobrem os criminosos – não facilita
em dizer «Venham por aqui»: assim poderíamos ter África
como se quer um tecto
sobre nossas
vidas.

6.1. Mesmo com a vara comprida de um ilusionista não podes pedir que uma leoa continue no mesmo lugar distante do capim. Uma parede que vem de uma vertigem recta que segura na trajectória da morte o gatuno da sua mais bela cria. Um naco de carne, apesar de ser o sinal da nossa divindade, é o mais tocado pela perfeita miragem das hienas. Porque um sonho torna mais vigilante o Soba ou tem de trazer o mais perfeito desfile de soldados que estranham a luminosidade das palavras? E perguntam com luas se a alma pela força do que sabe sofrer junta numa ilha empurrada pelos continentes tudo o que deveria ser um país perfeito. «Oh, mais-velho Kombu, ser cinza não te faz viver duas noites distantes da sanzala se uma luta antiga precisa da tua palavra para que o sangue não valha pela verdade», «Pudéssemos juntar as dúvidas que mais marcam o passado com o coração pronto para afastar um “eu” que prepara todos os disfarces que tornam mais distante a terra do céu». Servem os sonhos os intensivos desfechos de festa que abrem pela coroa os espelhos. Não se pode desfazer a bondade que torna intocável a vida daqueles a quem, pelas nossas mãos, melhor ainda, pelas mais simples orações, queremos sempre com a sorte dos melhores bens que podem cair do céu. Uma mãe levanta-te de todos os tropeços e pode usar a melhor túnica para cobrir o lado mais gangrenado de sangue das tuas feridas, porque só elas podem escrever a verdade sem a luz dos cristais que apaixonam com certo extremo de aguarelas os poetas que já foram guardas de um discurso e as onças de oiro que servem para os palácios difundirem com continências os novos deuses. E uma criança pergunta: «Pai, como posso esperar diante desse Deus que ocupa a minha sebenta e faz parte dessa coisa que chamo sonho onde sou Ele». Não se pode perguntar ao velho Lanvo se prefere morrer primeiro que a revelação da verdade porque toda a vida é vigiada pelas utopias.

50 • *Olimias*

7. Não é por se ter duas razões em cada uma das mãos
que se pode adivinhar tudo mais simples. Da catedral
sair-te-á o mesmo Deus com a mesma solidão
que faz ser mais funda a amnésia e parece até
que desde há muito só sabemos viver
com o último momento. O futuro é essa imagem que guardas
de forma mais exposta que os presentes e não te podem
perguntar pelos contornos porque sabes ver o que te deixa
ainda dispor no limite dos dias
a beleza de uma bailarina. Volta-se
dele com a mesma hora que envelhece as pétalas. O coração
chora por sentir que lhe cabe na ordem indicada pela mão
direita de Deus a sala mais escura onde a fragmentação
atirará a primavera contra
o cemitério.

7.1. Fazes-me acordar com uma só razão quando o mundo já não faz parte do esquadro, nem vale por mais confiança, uma bandeira para cada coração e uma família visível até na confusão do sonho. E fico perdido no meio das minhas orações, é um deserto longe dos sinais que me pudessem ajudar a trilhar um caminho que tenha numa das suas pontas o oásis pela facilidade com que tudo se troca até pela falta de brilho. Existe uma sede que se aproxima dos lábios com uma pedra de sal deixada pelo pescador mais antigo que classificou através das palavras os calvários. A água do rio é turva mas não podes deixar de ficar acordado sobre uma pedra que divide o teu silêncio numa catedral que pode ser a única grandeza. «Da catedral sairá um filósofo descalço que vai escolher-te como o seu melhor discípulo porque levas entre mãos uma guerra que lhe podes emprestar». É também através da boca que tocamos a flauta que nos torna mais próximos da mentira até sentirmos que o bolso pode guardar tudo: Judas já tinha sentido a inveja. Nada se pode fazer sem olhar primeiro para tudo que nos fizera chorar. Uma só razão não faz a aurora juntar em hossanas os homens que se digladiaram pela mesma ambição. Por muito que duvidemos aceitamos que tudo se inicia com a mesma festa e embriaguez. O boi, apesar de putrefacto e abandonado pelos comensais, ainda assim os seus cornos fazem perpetuar a solenidade das armas que valorizam as pontas mais afiadas que os homens usam de forma cega para tornarem as guerras mais fáceis. O vício já trazia os sinais que juntaram numa só tragédia o homem e o barro.

8. O cágado sabe com que perdas as horas passam
pelas coisas e pela vida da sanzala. A lebre seguia o pião
das horas e sobravam-lhe muitos enganões, não tinha tempo
para parar sobre os ombros da terra e descobrir
de que batuques se faziam
essas euforias. A alegria deveria ser algo
que nos mantivesse
juntos a Deus. O assassino conhecia as margens
do rio onde os leões ensaiavam o ataque perante a paciência
do soba Kujiba (amigo da chuva)
que dava um nome
às razões mais
belas.

8.1. O cágado só sabe escolher as margens do rio
que tenham muitos campos de milho com espigas abertas pelo sol.
O assassino abraçado à mãe escolhe a noite
que mais precisa para o terreiro onde a festa e a ideologia
soltarão um leão que chore à volta de um mastro.
Um palco estremece o dia porque se pode conhecer a mentira
que torna inútil a identidade. Um herói ama-se por dentro
das suas majestosas palavras já que as suas ideias
cercam a vida. «Olha bem, foi nesse palco escuro
que fizeram as escolhas como se tivessem colocado sobre a mesa
mais baixa o valor das nossas vidas», «O oficial que escreveu
dez livros de poesia sobre o amor foi quem mais palavras
deixou perto da sua loucura até para que pudessem
as vítimas pedir perdão pelos erros que só os rosários
sabem que mundo e dignidade deixamos cair». A lebre olha
para o sol e a cegueira faz o céu descer por entre as suas
quatro patas que mais parecem juntar os extremos de todas
as batalhas. E um fósforo é colocado aceso
no monte de milho que se abandona na queda do país
e porque faltam os filhos, os pastores oferecem uma prece
com o óleo da Muxima. O soba sabe mais que a mudança
ensaiada no fundo tão pobre em brilho dos olhos
do camaleão e viu como se pode ficar por entre os escombros
com vida suficiente para lançar os dados
sobre uma mesa com os lugares
prontos para novas guerras e criação dos seus viciados.
E a queimada joga para cima do velho cágado cinzas quentes
enquanto apanha a lebre numa corrida que lhe parecia arrasadora
e breve, quando pelas contas dos heróis tudo já era uma unha
de meta e estádios de aplausos. A lebre seguia o pião
de si própria e tinha nessa pressa uma utopia
que arrastava toda
a sanzala.

54 • *Olimias*

9. Uma ilusão levanta-se de um escombros mas não se apanha
o poeta que por ela mais a ensaiou num percurso e palco
que nunca fora estranho a Deus. Um cágado não pode passar
limpo e com estilo pela cinza porque não viu
como mais à frente se salvou uma lavra. Salva-se algo
com a primeira escolha
apesar de todos não terem para onde se virar senão
para a fé da palavra que nos pede
um momento
de vaidade.

9.1. Um cabelo longo com o resto de túmulo aberto numa rua principal da cidade. O Tiba abriria em cada uma das letras dos poemas a sua aurora com tintas há muito afinadas no número de portas que não se abriram. O sol na taça partida pela lebre agora sobre o umbral da janela onde a ninfa está perto do meu poema, descalça e pronta para pedir uma lua mais aberta que resgatasse o último namorado que com a cintura tirou um quarto do hotel que sem lâmpadas caiu do último andar da noite: os polícias vieram à paisana, pretendiam escrever o melhor romance de um crime que não podiam testemunhar. Uma noite por este postigo não faz o crime. Chamem um carcereiro cubano distante da sua terra natal para dizer se uma utopia tirada de um contentor pode salvar um país quando Fidel está acordado sobre o sono que Lenine prefere passear com duas algemas.

56 • *Olimias*

10. O soba fechou o estádio com todos os teus troféus
que foram recolhidos pelos mesmos três ourives
que os jogaram para dentro do WC onde puderam
desfazer os seus
brilhos. Faço contas do teu ódio através das antiguidades
dos teus terços. Todos os gafanhotos que desceram
com o céu preso em suas asas
conheceram a tua
lavra.

10.1. Fomos para o tapete onde por descuido deixei
uma guarda aberta, não me tinha protegido com cotovelos
e ombros e uma forte razão para não cair no primeiro
assalto. As estrelas que são arrancadas do chão são anéis
da dor mais fina. Tentaste desferir mais um golpe quando
duas mães corriam para o ringue para fazerem de mim o último
de seus filhos. O árbitro ficou impávido, tinha medo de erguer
as regras e já contava a minha desistência
quando a primeira mãe me disse que corresse pela calçada
onde Deus andou descalço. O soba desceu do camarote forrado
com tapetes vermelhos, parou onde estava o sino, tocou-o
com importância e já diante de ti ordenou que levasses os murros
para lá do tapete manchado de sangue. O árbitro ainda pediu licença
para arrancar uma folha do livro
que os advogados deixaram numa estante
próxima do apóstolo que inventou o cálice para as vitórias.
Parece até que os teus punhos tinham uma dívida antiga
que querias saldar através do meu desfalecimento,
podias sempre escolher uma carpideira sem salários. O público
escolheu: já podia olhar através da praça
onde os heróis são cuidados com palavras que precisam
de ser repetidas. Olhaste para o soba e ele não te pediu
que usasses os joelhos para que pudesses voltar a dirigir
uma guerra. Ficaste zangado porque não tinhas como arrancar
o tapete do último assalto e colocá-lo
no coração do País depois de todos só poderem
usar três palavras para todas as necessidades
do coração.

58 • *Olimias*

11. Preciso de uma outra idade vivida por uma ideia
que saiba que desta árvore guardarei com lentidão
o movimento da folha que cai para fazer surgir
uma outra força e estação. A verdade dói menos
do que a velhice, mas todo o seu relato vem de uma derrota
que nos fez acreditar forçosamente que Deus escolhe
com atenção o dia mais
frágil para nos convencer que a nossa folha
é o que em cada instante já não podemos pegar com fascínio
e afinidades que valorizam os detalhes e espessura
da Sua arte.

11.1. E olhamos para os filhos com os olhos molhados e um fio de chuva faz-nos prestar atenção a um barco que leva parte da vida. Fechamos outra vez os olhos para ver se os seus lugares poderão passar incólumes pelas tempestades. Preciso de aprender uma língua antiga que faça de um desejo o ouvido direito de Deus: «Se existe um artesão no caminho que escolheste, pelo menos deixa que a velha calçada do meu caminho seja o percurso mais frágil do êxito». O fio de chuva abre um campo de pedras – só essas pedras podem entrar no mundo das amnésias escolhidas quando os dilemas abrirem o campo de batalhas –, a Madalena lava uma pedra como se procurasse através do latim de improperios e culpas antigas uma igreja sem caos, e pelo que ouvi de outras queixas melhor soma de tropeços não lhe poderia desejar, já que uma rua por poder ser direita e lisa fica-se pela miragem porque a vida tem desses desenganos para que outros se salvem numa terra que o medo guarda no lado mais maltratado do nosso coração. Toda a noite falo com os meus irmãos que foram primeiro e sinto que serão vigílias do silêncio que cairá em mármore sobre os meus poemas por escrever.

60 • *Olimias*

12. «Eu juro que não entendo como ontem pela tua mão chegou o gelo», «A cama foi preparada como a única peça que faz iluminar a palavra vida», «Essa cama já não faz o seu interior de fantasias ser mais alto que o pedestal onde deixas os teus pés». Atravessas o quarto como se usa a juventude quando te perdes na dança, não será exagero o que dizes: «Vem, meu velho leão, segurar as duas pontas do lençol onde a música levanta o tronco que dirige a lua até ao ponto que mais parece uma praia», «Que o amor me abandone onde tuas mãos podem passar à frente da fogueira». E no tecto cresce a chuva e eu digo: «Oh, Deus, deixa essa música da chuva trazer a minha ilha deserta!». E ficamos com os lençóis mais húmidos.

12.1. Oh, amor, respondo ao nosso passado
numa língua feita pela idade, todos os detalhes bem distintos
e rugosos! Eu quero atravessar com a mesma perícia o teu corpo.
Pedes-me que desça o sol como se vão
mostrando os pedaços de lençol que sabem como uma cruz
é capaz de inverter o seu valor. Algo estremece em mim
diante da fragilidade que permite que um cómico nos distraia
por compaixão e não nos damos conta como nesse vai e volta
se perde o que tentamos fazer durar para lá
das desilusões. «Corre o cortinado», ordenarás ainda mais pelos
gestos. Assim, «Lavas as mãos com uma desculpa
que te torna mais prisioneira dos teus medos», e eu à espera
que dances sobre o mesmo fio de lua que crescera
atrás das insónias. Quem sabe, talvez, se não pensarmos
na idade, se não poderemos encontrar o cavalo que foi o vigor
de uma música que encostou a lua no teu bar. Um pé na maré
mais baixa como se toda a noite fosse ficar entre as pedras
que empurram
de forma torta
o mar.

62 • *Olimias*

13. Num quadro de sala pode-se medir a alegria que vivemos
com algumas verdades que se sobrepõem sobre todas
as angústias. Interessa que por sua ordem parte
dessa euforia nos inspire. O fascínio derrubou a escultura
onde a mocidade guarda o lado
mais exacto de Deus, o que alcança uma luz e admiração
depois desse corpo só poder ser ocupado pela estrofe.
Pedes-me um filho
depois de ter encostado muito perto de teu ventre
uma fogueira que só eu sei soprar,
até porque viemos
de muitas infâncias
juntas.

13.1. Não percas tempo na recolha dos estilhaços do jarro
que partiu o domingo em duas partes. Uma parte
que mais parece uma parede
onde uma naifa faz acordar num pote de lama os poetas
que estavam sentados num salão de muitos confortos. «Não
nos podemos enganar
pela segunda vez, o fascínio não pode destruir a perfeição
e vida de uma estrofe», outra parte parece o que em imperfeição
faz vingar nos enigmas
através de discursos que desfazem os talentos
da paixão. Eu vi, estava calmo, a lua a descer devagar pelas tuas
ancas. Eu ouvi, estava na ópera, onde apodrece a tua desilusão
quando pediste que limpasse com suor o cristal até os peixes
terem um mar arrumado nas tuas mãos. Ainda pedi que ficasses
entre a porta e a parte mais alta da minha cabeceira porque a luz
saltou do mosaico quando disseste: «Vamos por esta ideia e mãos
que nos oferecem um filho» e o teu dedo em riste
permaneceu como pêndulo
do tempo e das aventuras. «Um lume é isso mesmo,
é tempo e sémen que levantam o mundo
na ponta de um lençol
abandonado pelos
poetas».

64 • *Olimias*

14. Oh, amor, a luz cresceu pelas persianas do nosso quarto
e o peso da noite guardado nas tuas costas teima
em fazer o mais perfeito sono que toca nas asas da morte!
E sabemos que permanecemos no lado
onde o Diabo parece um ser perfeito... sorridente. Existe algo
que se adianta a essa face de pedra que faz as texturas
das sombras que, apesar das surpresas e medos
que extravasam, deixam que o gato roce nos objectos
com penas e espantos de não lhes podermos ser
melhores no tacto que domina
a origem de tudo.

14.1. Oh, amor, Deus tocou o teu sono com uma pedra
de mármore e fico com medo de perder-te como agora me vai
em tonturas a velhice! «Aqui está o castiçal de minha mãe
que viveu 80 anos. Envelhece a sorte preparada perto da santa
que vive na sanzala
e a minha mão não pode escolher outra dádiva,
uma que nos fez no que somos hoje,
tão fáceis para o perdão, e uma outra que parte das hipóteses
da compaixão para louvarmos o dia em que uma mulher segurou
o mundo
numa trave de quintal para dizer: eu estou pronta para rejeitar
a máscara que me faz sentar no melhor sofá do palácio,
ter um só instante que possa permitir pela facilidade
com que aqui se pede uma gaivota
todo o horizonte onde uma vela permanece acesa com terra
que só tocamos porque no parto a mão é do mundo». Sinto
que de minhas entranhas mais sonhos teremos
de dividir com mãos abertas que usaram a bondade
para cuidarem das crianças de rua. As asas da morte sempre
se alargam onde se diz que se é feliz, parece até que o lugar
é um relógio de terra que atravessa a sombra e pára numa estrofe
sem rima. «Somos chamados pelo silêncio que mais nos pediu
a lucidez». Pensa-se num poema
como o coração mede a infelicidade do mundo e a sua imensidão.
Porém, infelizmente, duvidamos que em nós se conjugarão
os verbos e a sonoridade que se faz pelas grelhas das distâncias
que vão aumentando as incertezas. Gostaria que deixasses
de pensar na dor que vem de decepções
antigas, mas renasces desse sono de pedra que te ensina
como se passa com uma bicicleta por cima
do mais longo silêncio que faz servir
as lágrimas em muitas
angústias.

66 • *Olimias*

15. Ela chora mais com o coração e não sentes em ti
um anjo que procura pela tua atenção lavar o chão
do vosso destino. Nada aumenta a confiança, até os soluços
são dúvidas que tu não foste capaz de resolver.
Um lenço branco não faz a compaixão
apesar de a sua figura estar tão perto do que fora
comum na hora que Maria mais usou para limpar o rosto
de Deus. Esse rasto de máscara não pode servir em melhor
augúrio porque não se joga
a verdade entre duas
premissas.

15.1. Queima-se um poster porque o rosto que o glorifica existe para substituir o apego e os nomes das famílias: «Eu sou o espaço que precisas para edificares a tua igreja interior sem que te valham as perguntas, por muitos livros que se abram perante a nossa vida». Arranja-se uma pose capaz de mostrar uma bondade cuja importância não podes provar, porque tudo se joga com aparências e uma grande dose de teatralização perseguidas pelos prosadores que entram e saem da vida com personagens a saldo. «Eu sou a palavra entre dois discursos que orientam como crença a minha vida que um poeta arranjou para que a tomes como tua única inspiração por muito que te distraias em procurar uma via de revolta». Oh, luz, esse rosto de jornal não pode ser multiplicado em nosso íntimo como se tivéssemos de ficar vazios para ser mais longa a paixão! «Ah, amas quem não te dá conforto». O vento vai de curva em curva, que não sabemos em feição, parece um lago com ondas curtas ou uma música na concha que leva os mares; não lhe tocamos pela memória porque foi rodeada de vozes de guerras que o amor renunciara. Pesa-nos esse campo onde o vento mais toca as flores como se tivessem de tornar festivos os dias pela mão de uma namorada que juntou no seu balanço zunado a túnica feita de folhas de milho. Todos os sinos podem num só cântico mostrar como esse poster pode ser a origem futura do jovem que trará novos horrores. «Dás-me hoje a face de leite que trouxeste do nosso colégio quando tinhas ilusões que dividias comigo como um irmão mais-velho, mas depois das chapadas que levei não posso aceitar que um herói divida entre nós o arco mais longo da existência depois de perante um altar termos implorado que permitissem a utopia nas coisas que tocaram a infância que sobrevive nos dias que não fomos capazes de viver».

*Cai uma página que se enche de utopias e todas as mãos sabem
que obras podem mostrar se o ego é uma farsa da
vida.*

Vasconcelos, AB • 69



16. E pode-se estar a meio de uma montanha
mas sobram-nos para maior esforço novas pranchas íngremes
com sebos de muitas desgraças. E essa dor é sozinha
como se o mundo tivesse aqui a sua salvação pela forma
como a dor dobra as auroras. O rei não abre a janela
porque precisa do disfarce que coloca vultos em volta
do coração: «Não, não abram a janela, porquê
partilhar o que não invejo?»

16.1. É no cume das montanhas que estão as águias
que cuidarão da utilidade dos teus caminhos. Dizem
que é pela soma exorbitante dos erros que tu sem lamúrias
de nossas razões melhor escudo erguerás para nos defender.
O que faríamos com a fraqueza já tinha o seu sacrifício
como o seu mais louco contorno por nada prosseguir como a dor
pede. «O rei não sabe distinguir se as suas lágrimas
são por penas que sente de si próprio por entender menos
como se sofre ou se é por ter de lavar os pés dos seus
súbditos e não olha para o prato cheio de milho
porque um camponês o maltrata com perguntas que já desafiaram
o seu pai», «Oh, triste sina, no lugar onde deveria estar vaidoso
o coração dobram-se em muita perfeição as costas para tudo,
menos para o valor do mundo!», «Essa arte não tem nos seus anéis
uma mão de mãe que tenha feito
o seu próprio parto, por isso é que essa ruína serve como altar
de um templo abandonado onde mesmo Deus
deixara de aparecer». Só os surdos entendem
o que o Soba-Grande não quer dizer, apesar de a publicidade
do seu discurso mostrar o coração
no lugar onde pode proteger-se a utopia. O criminoso cuida
dos actos como se cada detalhe tivesse uma vida primeira
de fortunas. Ah, tudo um encanto na fuga
porque o disfarce vai em feira
pelas aturadas reflexões que os homens abandonam
com pena! E a dor que vais viver mais forte impedir-te-á de amar
os irmãos porque uma terceira montanha sobre todas as fugas
pode fazer-te amar em teu próprio colo o criminoso.
Estás ciente que só Deus deve partir os cálices
para que o vinho putrefacto retire da alma a mais destruidora
víbora. «O que mancha a tua alma, meu rei, é saberes que não
nos podes salvar como em igual importância as mães
retiram das suas entranhas
os filhos».

17. «Ide ter com o vosso pai e sabeis que toda a montanha é um desafio onde muitos caem pelos seus joelhos, um lugar onde podemos ser melhores do que as avestruzes como quem mais não pode ter em si

b) o sol como a única prova das razões que empurram nações».

E podes guardar as areias que conduzem os mortos que dentro do kissange preparam a carícia mais leve como neblina da baixa de Cassange porque precisamos da comoção mais humana e desculpas que ainda são pavores dos nossos dias. «Oh, Nguxi, não é por ficares cego três vezes que a montanha cairá quando o sol se erguer sobre o monumento das tuas desgraças!». O poço da vida tem uma base que ao ser funda ameaça a alma e pedem que sejas uma heroína de pé sobre uma sombra que conhece a casa mortuária. Uma hipnose pode fazer a amnésia de uma razão que durou a vida dos Pais e nos seus cuidados encontramos um Sócrates doente nos erros que vão diminuindo a nossa sorte. Dar-se-ão conta que tocam nos erros do passado guiados pela vingança. O velho Tiba deixara o filho mais bonito ao lado dos generais: «Essa música ouvi em algum lugar que não fez a ilusão».

2 17.1. Por trás da *montanha* está o dia que tem de avesso
essa noite vivida no quintal da casa onde a sombra
mais parece a velha que no fim da vida
manda seguir devagar as gaivotas
e as metáforas das coisas caem como quem fecha o mundo
na dor. «Três vezes dirás não».
Levantas debaixo das esteiras uma sombra que dança
com búzios enormes e as crianças seguram com capim velho
o sangue da circuncisão porque podes oferecer-lhes um campo
de batalhas só com o poder dos espíritos que gostam de vinho
porque conhecem a utilidade das palavras. Repete-se a mesma
história como se por ela valesse menos a utopia
e o seu artesanato... A fadiga serve para desistires de ti próprio
no que não podes pedir que seja para o mundo
ter-te na feição mais perfeita que o cálice que junta a alegria
que nos parece a única dádiva porque só o chefe
pode abrir o rito. Um fundo que nos chega pelos ouvidos
quando sentimos os barulhos e pedidos
dos irmãos que ainda procuram fixar o que foi
a aresta. «Toca no violão, meu irmão, uma música assim segue
a dor e podemos pedir mais castigos porque toda a África
regressa à exaltação diante
de um Deus
chateado».

74 • *Olimias*

18. Oh, amor!, só tu manténs o lar no mesmo lugar
dos teus sonhos por veres-me chegar a casa mais fragilizado,
com mais medos de sair por aí, onde todas
as coisas acontecem. Cedo desisto das lutas que fazes contra
os medos alheios que foram simulados pelos nossos avós
que tiveram de lutar contra o divórcio. Vidas cheias
de artimanhas perante um mundo incipiente
que com agulhas empurra para dentro de nós próprios
o que se poderia viver de forma aberta. Podemos estar diante
dessa sorte amaldiçoada na velocidade de um sabre
que instaura o luto como uma marca do poder
que mais abandona numa psiquiatria sem portas
os escritores.

18.1. Oh, amor, já te disse como Deus é poderoso na cidade e até
descobre os inimigos nos bares onde as virtudes
são madalenas?! «O Kimbele tropeçou no Bar Katembe
com o mundo amarrado no braço de uma viola que deixou
mais confusas as mulheres porque choraram como nunca
o tinham feito, mostraram os seios
com as mesmas mãos dos poetas que seguram a lua
aleijada pelas insónias que abriram as três portas do convento,
mas nada duraria no impenetrável regaço de sombras sobrepostas
sobre um luando que serviu a circuncisão». O sémen doirado
está no mais lento gesto
que levanta um sono que faz desaparecer as palavras que mais
pediste quando com uma só decisão te apresentaram
duas saídas: eu dei-te o que já por muito mais longa dor
tinha só para desafiar em mim esse azul que garantiu inclinar
o mar onde teu corpo sai perfeito à estrofe, e tu deixaste
que fosse toda a música
capaz de abandonar a obra que poderia desafiar
o mestre Ndongo que disse «Toda a ilusão mais parece que vem
da queda da gaivota porque solta o que o coração mais
sente». «Quem é o Ndongo se vivemos onde o mundo
mais se arrasta? O amor não é o coração... Como se morre
por uma pátria que se cerca de beirais
abandonados?... Quem é o Ndongo se essa é a nossa filha
de todas as utopias que mais desacreditam
os poetas porque ela entra pela cidade
através de seu ventre que se arrasta num chão de notas
de vinte dólares?». Aqui um tecto não faz o abrigo
porque tudo se recusa. Por muito que insistas com o teu corpo,
não vais contar com o apoio que só o coração sabe pedir
aos irmãos. E todos são cúmplices,
porque essa desilusão foi exibida como parte de um ensaio
que começara por abrir as portas dos manicómios.
Ainda não usaste a tua última sabedoria que vi no bordado
para não teres como reconhecer as tuas razões. Afinal, quando
cai uma torre branca sobre os dias
nenhuma palavra pode valer
mais que a tua
crença.

19. As armadilhas foram apresentadas depois de terem
escrito num ofício os epitáfios, porque o declínio não se pode
suportar só com as promessas dos irmãos. Os irmãos sabem
que só podem estar de costas dadas uns para os outros
na direcção cuja geometria só os poetas conhecem,
porque a direcção do sabre tem a sua força na perfeição
da sombra que foi preparada pelos que foram escolhidos
para serem heróis depois de passarem acordados
sete dias na escuridão para pensarem com fundo suficiente
de vidas humanas como se impedem
os editais.

19.1. A pobreza quando vem sozinha é dura até na aparência do prato de esmalte branco que ocupa toda a casa... E a família à volta de um fogareiro apagado com restos das últimas peles de boi. Deixar o café jorrar: é essa felicidade que faz acreditar que logo mais se abre um céu como sempre aparece no fim do dia com uma harpa que passeia os anjos pelos estômagos. Ofereces essa felicidade quanto maior é a tua certeza das contas que te cabem em céu por cima desse fogão fechado: vizinha. «Vai esse resto de arroz e pão duro como é a pele da vida para que Deus saiba que divido o pouco que me deu como fruto da minha melhor sorte que fui esperando debaixo do oratório», «Foste a família escolhida para teres melhor sorte e riem-se do nosso fogão com sobras de comidas e uma caneca fumegante de água». Não contes as bocas mas sim as palavras que vão constituir a tua única riqueza, depois, com maior sorte, vais pedir que o soba não acorde com duas mãos de egoísmo. «Um polícia da Câmara leva o negócio e esquece-se de abrir os olhos para encontrar a sua mãe à esquina com um pregão de Abril onde ofereciam à cidade os carapaus polidos». Um cisne toca o íntimo para atrair a vitória. A pobreza faz passar descalço o poeta que ergue ao alto a sua única estrofe capaz de abrir o coração. O soba continua em silêncio e os seus dias passam pela narrativa onde és fictícia e ficam muitos anónimos porque precisam dessas invisibilidades para te deixar à porta um defunto com um pão no bolso. Amplos pátios perdem árvores porque as armadilhas são apresentadas com mais estacas afiadas que deixam os homens sem escolhas.

20. E dizes com o terço na mão direita: «Uma folha amarelecida cai para dar mais vida à árvore». Oh!, mas este cair com a alma e a família pode desfazer a harmonia da utopia e nada mais ficará tranquilo porque nos faltará luz. E mais silêncios latejarão diante dos desgostos que afiarão as leituras num antigo panfleto lavado com sangue. «A tua vez para viver é depois do calvário de hoje no pão que não te chega em migalhas nem mesmo como resto das ruas mais bonitas». Cada ser terá o seu mundo interior na linha mais frágil que projectará diante de Deus o que não nos pode oferecer a partir da mais pura amizade para com a mais dorida sorte.

20.1. Mostra-me se pelo menos podemos agora colocar um baloiço entre o momento de alegria e a ferocidade petrificada da vigília num prato de esmalte vazio que ocupa o espaço onde a memória tem medo da vida. Levanta-se um amor duplo onde tudo se abre e agradece porque a aurora aparece mais aberta pela luz que mais parece vinda do céu. Todo o avesso passa pelas nossas cabeças através da ousadia das esperanças que têm as mesmas festas e necessidades que tornam tudo sem contornos. São adjectivos os ecos do dia que batem na montanha que mantém a sanzala distante de uma cozinha que atravessa o dia pelo seu lado mais escuro. Hoje quero falar: «Se um poeta vem em escombros com o mundo que estremece o seu interior com febres absolutas que mais o faz sofrer diante

- c) da utopia, diga-me pelo ouvido da lucidez, Deus, porque o juiz e o soba não choram quando as estatísticas revelam a verdade?», «Todas as mortes tiveram por distração tua os seus assassinos». Estás nu perante a tua própria montanha e nenhum horizonte te pode servir melhor se não puderes encontrar uma dor nos dilemas que fizeram a tua idade. «Meu filho, não derrames os teus dias sobre um pulso em fúria porque, quando toco pela perfeição e sopro leve o barro mais preto do rio Kwanza, algo que é constante rapidamente se deforma no forno que não podes ver na sua altiva chama». O mundo criou

(Cont.)

a imaginação como um meio de o destruir pelas personagens
que vamos adoptar até não termos como vestígios as vidas
já que esse excesso de jogos cria os seus próprios loucos.
«Só uma biblioteca pode deixar que o teu lápis sublinhe a luz
que precisas para maneres entre tuas mãos as escolhas decisivas
que faça durar um mastro no seu prumo». Hoje tens de dormir
sobre a pilha desorganizada dos jornais e podes pegar
nas hastes destruídas das histórias e, grande amigo de infortúnio,
sabes que não interessa que se riam
da nossa inocência que ainda observa a ratazana
que se alimenta de letras e fotos porque tudo tem de ser
abstracto – intocável até, com a mesma distância com que olhas
para a toalha de banho de um fuzilado – e sem gramática
que nos valha no entendimento
(as palavras são corroídas pelas
razões) diante de tantas metáforas que ocupam
terrivelmente o meio. «Vi já velhinho e sem pálpebras o herói
que ameaçou a tua juventude quando num comício
incendiou todos os livros que tinham sido sublinhados
pelas tuas ilusões e o fogo até hoje dói porque fez-te ficar
mais cego», «Um País não precisa de perdão porque o mastro
é usado como um engano e os filhos oferecem o melhor
esforço».

Vasconcelos, AB • 81



21. A boca que incensa é muitas vezes aquela
que se apressará em mostrar com os dentes podres
o que não tens como esconder pelas máscaras de lama
vermelha e duas mãos ainda te acarinham para mais tarde
mostrar como se podem descontar
os afectos quando precisam do teu silêncio
de pedra. E um pilar branco com o passado na cauda
cai nesse chão cheio de vinho. Os nomes seriam como anéis
que ligariam pelo lado maduro dos frutos os tempos
à maternidade. Por isso todo o tempo seria ocupado
para as escolhas dos nomes
até a sanzala perder a conta e chamar os seus filhos
com excessos
de criação.

*A boca que incensa é muitas vezes a que censura;
a mão que acarinha é muitas vezes a que mata.*
provérbio africano

21.1. Esse excesso de criação é capaz de tornar
os nomes iluminados de oferendas, porque o mundo está aberto
na poça de vinho onde os lábios sossegam as famílias,
porque provaram o mel e não esqueceram que é possível melhor
obra sobre o manuscrito das promessas que mais maquilham
os homens que ensaiam as utopias na sanzala encerrada pelo sono
mais nebuloso. «Todos dormem enquanto o político muda
de roupa e ninguém viu com que unhas rasgou o seu discurso,
se foi em sangue
que juntou os pedaços partidos das palavras e teme
não poder conhecer as vogais pelo lado que os poetas
melhor as preparam». «Dizem que as colmeias
são casas onde os anjos deixam o mel para que as mulheres
conheçam o néctar que mais aperta o coração do homem,
porque têm sempre magoado
o sonho pela pressa com que o destino fecha as suas
portas». Que se desfaça esse pilar branco que anula a utilidade
da memória apressemo-nos a chamar as coisas com o coração
até para que o horizonte não se prenda na cruz que corta
o dia. Todo o tempo que se junta na nossa idade começa
por cortar como metástase por dentro da vida o amanhã
e não é justo que nos cálices enfeitados um pai não possa
sentir-se num pedestal por obra
dos filhos.

22. A morte

é uma simples conversa de café quando os escritores
estão entre os espelhos ou a terra se afasta como um ouro
que faz a herança dos heróis que saltam
das cartilhas. Podes sublinhar uma rosa, melhor ainda
adensar uma madrugada, mas faltar-te-á o tempo
para poderes contar como a cidade ficou abandonada
numa mão comprida que se faz de esmolas. Podes até ter
que colocar
a tua mão direita sobre uma esfinge ou bíblia
como se tu também aplaudisses os crimes que marcaram
as epopeias. «Ficas contente por veres um homem
passar com máscaras de uma palavra antiga
e as suas moedas de crença
para um pedestal
e a sua ideologia».

22.1. À morte interior ofereces uma parte da juventude e as palavras que têm âncoras sobre uma dor ocupam o silêncio, que é quem mais prepara o suicídio. Um homem do terraço do seu prédio descobriu que poderia colocar uma coluna entre esse céu que recebe pelas chagas dos joelhos as nossas culpas e a terra que mais conspurca a dignidade que é usada pelas mãos de promessas mais ouvidas na praça onde está um Deus de pedra para que avance uma túnica como sinal da sua paixão. Olha como essa mulher sofre. Nada mais a pode interessar numa estrofe que tenha tornado pela inocência o seu dia numa festa: «Um homem cai com as suas palavras inclinadas à vergonha e não sobressaem para os jornais e rádios de publicidade as lutas que fizeram as suas razões», «Oh, pátria! Existem homens que, quando levam a terra para apresentarem as suas verdades, como se o crime já fosse suficientemente banal e a vida perde-se por conta da utopia que inventa um incêndio sobre um panfleto». A bondade deixa mais aberto o caminho dos criminosos que estão abraçados a um Marx que esteve a guardar as morgues onde vejo uma historiadora sentada sobre uma batina branca e não lhe chega o silêncio porque as auroras são sempre mais curtas: «Olha como o horizonte troca as estações e ficas descalço sobre esse chão batido por tantas procissões sem poderes dizer os nomes que orientaram a última intriga que teve em seu cabo maior um rio na boca de um jacaré porque depois ficou uma festa de sangue».

23. O teu largo gesto chega para ter uma folha aberta
sobre a palma da minha mão. Posso oferecer um espelho
para o teu regaço quando dói pela ilusão a mulher
leprosa que escondeu de propósito
a luz que faz a imagem durar no meio de um lápis
de duas vidas: o amarelo ficou mais solto e contemplo
como levas a minha paixão. Oh, amor, tudo que te prometi
é pouco e não quero tirar a cabeça para te enganar
com a mágica de chapéu o que de mais forte traz
um ilusionista! As palavras podem desfazer os segredos
que guardas próximo de uma boneca de trapo para poupar
o esforço de mais insónias
que começam por alterar
a exigência.

É lá onde o teu braço alcança que cortas os ramos.
provérbio africano

Vasconcelos, AB • 87

23.1. Eu posso ouvir o segredo sentado sobre uma bilha
que leva o tempo até à falésia para conhecer como se pode chorar
até surgir, num domingo de todas as estações perdidas atrás
de uma porta que nunca se abriera, uma mãe de panos que entre
em acção com a sua ajuda mais terna: terços. Não precisas
de juntar todos os mistérios que foram usados
para destacar os dias mais inocentes e vejo que podemos
tentar o repouso quando eu ficar com a tua túnica que guardas
na mala onde podes tirar muitas surpresas que só
podem viver na força do segredo que teimas em não revelar.
Se eu souber todos os dados da tua vida passada quererei reunir
através das tuas dores o que fizemos deste mundo se só hoje
confessas: «Prenderam-me por tuas ideias e contei muitas
nuvens leves que me levassem a ti para conheceres
pelas minhas lágrimas como sempre te esperei
entre postigos». Eu ouvi cantarem à janela das celas a destruição
feita pelos gafanhotos reunidos num escudo contra o sol
e como uma praga deixava carecas as lavras de milho e feijão.
Só por isso te disse: «Vai, não esperes por mim, que a vida
é um baloiço para a tua idade, antes que os gafanhotos
deixem cair a escuridão
sobre os teus dias», já que um sabre poderia pedir-te
que mostrasses a fraqueza ou um longo calvário ser-te-ia
oferecido por me esperares com alguma
dignidade. Estiquei o meu braço direito sobre cada ideia e posta
no templo do destino foi-se a ilusão por este ramo que deixei secar
depois do golpe de navalha que desfez num cobertor os meus
desejos.

24. A dois palmos da tua cintura eu coloquei a minha insónia
cada vez mais dependente do lençol que deixaste
perto da parede
onde os teus pés desafiavam os sete gestos que Deus guardou
atrás de uma macieira que conhecia o nome de todos
os poetas... E foi fácil jogar-te duas vezes contra
os desequilíbrios que tinham em meus joelhos todo o peso
que deixaste cair de tua dança quando pela primeira vez
dixeste que o meu corpo
era «um pau de diamante que chegava até o teu ventre».
Quando a minha mente já está preocupada com os pedaços
de cal na ponta das tuas unhas dos pés, onde o arquitecto
não pode adivinhar a física da sua imagem, tu tentas
convencer-me que tens como devolver-me a juventude
para que continue dentro de mim o diamante
e para que a noite fique assanhada com a ajuda do vinho
entre os lençóis que deixam mais perto do candeeiro de azeite
o teu corpo como o oiro
dos poetas.

24.1. E chamei pela minha juventude como se dela
eu pudesse aproveitar uma ideia coberta de forças que fizessem
girar o fogo entre um espaço onde é difícil fixar o limite e tudo
o que na ponta do diamante possa aumentar o teu delírio. Prefiro
estar cego para chegar a todas as possibilidades
que um brinco indica quando perdido
em teu ventre. Não sei como da posição em que eu estava
num gozo por cima da tua mão eu via preso o anel no umbigo
através de uma corrente de ouro tão fina que por ela só os anjos
faziam o trampolim porque não tinham como cair. E o mundo
é nessa hora que mais parece nosso, um mundo que se alarga
com os teus espasmos. Só tive um instinto perante
tanta coisa perfeita e não demorei a usar o mais antigo gesto
que levantou com uma renda de saia branca todas as luas
que guardaste para um homem que não chegou porque vive
escondido numa revista americana. Encheste a tua ilusão
com muitas mais fotos
e já nu corro na mesma noite que vives debaixo da almofada
usando o mesmo perfume que escolheste na feira
das feiticeiras. A dois palmos de tua cintura eu olho a tua força
e vou pela ideia onde reúno todos os meus suspiros e deixo
que um cavalo siga o que vai pedindo o teu gemido e elogios
quando olhas admirada para a minha idade. Não é pela força
de um punho que vergarás numa pedra
de talho o melhor boi que a sanzala espera com a mais atenta
c3 vigilância de batuques e *kissanges* que também sabem
como fazer durar uma lua
num corpo
de mulher.

90 • *Olimias*

25. Choraste como pedem as lágrimas que rodeiam
a paixão. Fechaste os olhos e não sabes se fui eu, louco
de desejo, ou se precisei de ajuda de um poster para fazer
durar em juventude a força que empurra a tua cintura
para um lugar que só os poetas podem encontrar.
E quando abriste os olhos vinha da íris
um vermelho que prepara com cuidados de inocência
o corpo para a maternidade.
E descobres a tua adolescência que viveu sem idade
nas revistas que guardas debaixo do colchão melhor
que o mealheiro. Com a idade foge-se das ciladas
porque sabemos das chagas a sua lição;
aqui faz-me bem acompanhar com muita calma
o que a ilusão prepara tão perto do mar
onde as águas mais precisam
da lua.

25.1. O quadro está na sala à espera dos aplausos
que reconheçam que necessitamos dessa festa sobre uma folha
de fórmica que desafia quem fez a geometria da vida. Tudo
poderia ser mais simples, era só dizer: «A vida será por este
veio que traçaste por força dos sonhos que persegues». Não
terias de ultrapassar essa tristeza que vem com tudo
o que fizemos como prova do que viveríamos sempre num vigor
de diamante que pode durar mil anos com a mesma forma
de adjectivo. É tão perfeita essa desilusão que cobre a palavra
que tomou a verdade num lençol que foi guardado na mala
da velha Kiamba quando ainda podíamos rasgar com a dança a tua
roupa interior. «Espelho do sol, em ti já estive demorada
a sua imagem preparada pela água como quem dá mais arte
e fogo aos detalhes do seu busto que espantam os poetas
por não terem como usá-la para proveito do livro,
porque uma estrofe está aí em dádiva para todos os operários
que mais sentem a distância da ilusão».
Podemos aproveitar o que a juventude não pode envelhecer
para tocarmos o regresso das cores e luas num só ventre,
porque não vou tirar a foto
d) do lado que mais ocupa o coração que te deu uma cidade.
Deixa-me simplesmente brilhar à volta dos espelhos
que precisam de um sino
para dominarem os teus passos sobre esse tapete
que se estende na vontade que se eleva em fantasia
pelos ofícios das minhas mãos aqui tão perto de achar
o lugar mais forte que faça estremecer tudo o que guardaste
debaixo do colchão como o melhor risco. «Oh, corpo próximo
da perfeição! Só nos teus ombros a água escorre demasiado
apressada para o teu ventre depois de deixares um joelho
e dois volumes que fazem sempre demorar a minha perseguição,
porque até parece que é o sangue quem mais prepara a noite
da minha princesa». Os filhos
não podem fazer a solidão quando só sabes cumprir a função
que o mundo dita através de um edital
guardado nos antigos
testamentos.

26. «Quero ver os ossos dos meus filhos». Podemos erguer o amor com gestos simples e a única verdade contra esses heróis que nos fizeram perder a identidade dos irmãos que amamos porque nunca necessitaram de três noites para inventarem um «eu» moldado num barro que pode parar na ponta de uma incógnita: os países.

26.1. O rio Kwanza pode levar-te para dentro da cidade
onde as velas fazem o sol. O terço eu coloquei entre tuas mãos
juntas que levam os segredos das nossas vidas
para que se possa com a partida de cada um de nós
tornar menos pesados os dias da família que deixaste nos oitenta
anos que viveste. Sei que na hora da tua morte chamaste
primeiro pelo Aires porque sabias que toda a dor em excesso faz
um anjo que cuida de ter as nações
distantes das guerras... Depois pediste um cobertor
para que se não deixasse
aproximar o frio de mármore em mais um engano que sabias poder
fazer para chegares a uma capela tão azul onde pela mesma dança
pudesses contar todos os teus partos. Deus deu-te o céu
no mesmo dia de parto do Aires numa prova de que nada mais
poderia ser alterado pelo sacrifício que sempre quiseste fazer
para que cada um de nós pudesse viver nem que fosse só mais
um dia que tu. Hoje, mãe, sei que posso
chorar com menos lágrimas quando todo o passado entra
pelo meu tecto até sentir que preciso desse diálogo
que prepare o nosso
encontro.

94 • *Olimias*

27. É tão grande a alegria por ver-te outra vez
pronta para mostrares numa cela de bronze a agonia e
a astúcia do leão no alto dos portais. E deixam-nos os pés
descalços para ver o palácio por dentro sem que esses
coqueiros tragam o mar
de muitas distâncias encolhidas numa bússola que deixa
perdidos os sentidos onde o futuro toma a vantagem
nas palavras
que o Soba toca com afectos porque é preciso desfazer
o passado que caiu numa tumba de pedras
que deixou em mais fartura
a utopia.

27.1. Não se pode interrogar se a fraqueza é um esforço de velhas lutas num chão onde o Soba Kanga com um pau de bambu afiado devolveu nos desenhos d'areia o lugar do coração quando uma gaivota atrás dos frutos atravessou o sangue sem causar lutos: serenos. Um mar repousa em suas asas para que não volte o exílio numa mala que leve o País em declínios: «Que correntes guardadas nos naufrágios prendem os mortos que a ideologia aprontou com o erro dos heróis que precisam de sangue nas bordas de ouro dos grandes cálices que fazem o dia mais brilhante». Desfaz-se o passado quando uma tumba de pedra ocupa a memória e o silêncio nada mais pode se não as lágrimas por tudo o que não amamos. A tua dor é intensa mais pelo peso que cai sobre os teus pés, como se tivesses atravessado um prego porque tens de perder muito mais de ti em máscara, já que uma confissão implica a existência da verdade: «Eu sou o teu defunto». Ninguém fala com o soba Kanga Dois e ele toma as nossas vidas com as suas próprias palavras sem olhar para o «borrão» onde os políticos deixam as suas marcas: «Uma mão não precisa de ter como seu guia e pulso um leão que engordara em muitas guerras, mas sim um mendigo que o conduza pelas sortes e becos da existência». O funcionário diligente apresenta num embrulho bem organizado a lista

(Cont.)

de fuzilamentos e diz: «Chefe Kanga Dois, faltou-nos mais tempo para as contas das desgraças, para que a perfeição fosse mais ousada e por sua graça os juízes ficassem sem dedos e pulsos para abrirem contra os países as Bíblias». O Kanga abre a janela por onde passa sem pressa um jardim com os espelhos que guardam a beleza dos homens. Oh, Deus, no outro reino num só lápis pode abrir-se um poder capaz de tornar o pedestal numa vaidade feita de lutos!

- e) A utopia vale uma família que abre uma nova luta e pátria em cada erguer d'aurora com os sangues num cálice inventado pelos poetas que conhecem a corrosão da derrota. Olhas demoradamente para o hall que substitui a relva, bananeiras e canteiros com rosas de porcelana porque aparece com vertigens um mendigo castigado no salão de mármore onde se retocam através de latas os países e uma mãe com o mesmo cuidado de umbigos limpa a tua fronte molhada pela febre mais dura. Atravessas com os pés descalços os cenários onde o soldado Onânbe não consegue dormir: «Não, este lápis preto que se parta sobre a pilha de papéis que chegam marcados pelas impurezas das águas que limpam as mãos de juízes que prepararam

Vasconcelos, AB • 97

(Cont.)

a minha vergonha». «Não hesites, tira as mãos da tua cara, uma parede por mais que ganhe o céu não pode deixar como parte excluída a insónia que cresce perto de uma mesa abandonada», «Olha bem como estou sem alternativas. O mundo desfez-se através de bisturis infectados quando lia Neruda para sentir mais perto o apóstolo que morre em teu quintal». Oh, Tété!, como num só lápis se pode abrir em letras o coração do Soba Kanga Dois: «Oh, Kanga Dois, esse espelho que foi criado pelos brilhos do teu lago, infelizmente, como utilidade já não te serve porque agora só podes ver o ouro dos teus galões apesar da derrota estar à porta dos soldados que provam a tua bondade diante de simples petições de próteses». O lago domina as palavras com o seu único verbo. «Oh, grande rei, depois da tua voz ser inútil porque não sentes a altura da casa, a perfeição ficará presa no espelho que domina com chifres de pakassa a tua alma e os gestos não serão teus, eu vi o filme: o discurso foi ensaiado perto de um poeta». A ilusão não faz o limite de uma estrofe, apenas podes levar o tecto como se depois da sua protecção e espessura ninguém pudesse pronunciar o nome da cidade.

98 • *Olimias*

28. Fico perdido quando os teus gestos percorrem
os instantes que movem as luas dos desejos em que se confunde
o início da música. A harpa invisível para os padres está presa
à tua cintura e parece que um anjo que mais anda em vício
pela terra nos avisa pelo céu que o rodeia que é único.
E de uma só vez entre relógios da vida o nosso momento
– e por ser só essa vez que mais se parece a um destino –
inquieta, tudo (a túnica e o incenso, o óleo ungido em teus
seios), tudo será uma velha lenda do amor que pelas
incertezas ousamos inventar com mais perfeição do que o escritor.
E vem-nos uma cegueira que mais vai com a tristeza
em arrombo dos idílios
que acreditamos erguer
no passeio
de porcelanas.

28.1. Se pelo menos pudéssemos agora colocar um baloiço
entre o momento de alegria e a ferocidade petrificada da vigília
mais apertada que ocupe o espaço onde a memória sempre
experimenta a vida, como um amor
duplo onde tudo se abre e agradece através da aurora... Se fosse
só para chamar-te como quem vem magoado,
sem que quiséssemos por nossas mãos tentar outro barro que não
esse que faz a nação sentir que lhe faltam os filhos. Um pescador
espera que a tempestade fique presa nas pedras e repete a mesma
prece e nós ficamos tão prontos para reconhecer a fraqueza
de uma ilusão presa numa linha
que aprisiona com domingos o teu corpo. Mais nada se perde
se tivermos uma pedra onde se possa fazer parar um sonho.
Podes virar do avesso as nossas cabeças através da ousadia
das mesmas festas onde os homens apontam em seus âmagos
a tua presença e inventam os adjectivos onde tudo possa
ser tocado pela tua juventude. Vive em ti um amante
que te faz segurar com saudade o meu corpo, viras os teus olhos
para um dentro de ti onde só tu sabes descobrir por que fogo
me salvar. E olhei demoradamente para toda a curva que fez
destacar a beleza à volta de uma gaivota que perdi em teu ventre.
«Um barco sem leme não faz a encenação,
é com o choro interior que se pode olhar
por dentro dos destinos». Podemos tudo
menos a recolha dos cacos que o sangue verte em nosso ego
como amnésias. Já te esquecias de mim porque tinhas por viver
a última noite que te pedira para esquecer. O lençol dormiu
na selha onde toda as núpcias foram lavadas com sabão
e procuramos o seu cheiro
mais pelas coisas
que vamos
perdendo.

100 • *Olimias*

29. E o olhar vai longe sobre uma tábua do passado
para isolar as horas que vivemos. O tecto em ruínas mais
próximo de meu peito, ah!, foi com os punhos que fiz o mundo
ficar inerte para saber com que precaução
e mãos se faz o destino: mais confuso fiquei. O coração saiu
erguido muito mais em confianças que não me fizeram
amar-te mais. «Gostaria de olhar para os episódios
como se conhecesse *a priori* todo o estrago tecido pelo tempo
que faz o lago ficar como uma toalha de mármore que podes
guardar no armário das tuas bonecas». As noites nascem
na vinha dos poetas
e dirás pelo preço das tuas perdas: «Não existem
margens infinitas para mais territórios que renovem a paixão
que quer seguir feroz e daninha a decisão dos amantes.
A corrida do cavalo branco mais se aproxima da lua que desce
pelo mar que está cheio de malas que flutuam sem beleza
o nome dos países». «Já coloquei no bolso a bússola do exílio
e vim mais sozinho nas dores que aumentaram as avenidas
largas e colocaram muros e cães sem olhos
para que se esconda melhor
o homem».

29.1. O olhar e o tecto amam a minha intimidade
desde que fiquei a um degrau do suicídio
que tinha destruído a confiança onde os poetas
ensaíam com objectos cortantes as estórias de todas as paixões.
Conheces o Jacinto e podes pela sua utopia perguntar-lhe
onde está a casa que colocara na sua estrofe, como se um homem
pudesse abrir a janela para encontrar uma padaria onde Neruda
descalço pelo céu pudesse juntar em teus dedos todas as palavras
que abrem o coração, como se tudo passasse por esse cetim
de sonho que deixa de lado o banco onde todos se escondem
no fumo de capim. Um velho da lenha colecciona as insónias
mais suspeitas: «Um dia peguei numa insónia
que tinha dois postigos e um anjo cansado que guardava
as solitárias e depois de as deitar no rio nasceram mais
jacarés sem pais». E dizes uma palavra que se ouve apesar
das sirenes e gritos agonizantes que se repetem quando a cidade
cerca de fome os lares e uma mulher aleijada atira o seu único filho
contra os vidros laterais do teu BMW. O velho Tiba
ainda está com os filósofos ao colo
como se deles dependesse a velhice das nossas almas e fugiu
por batinas que se aproveitam dos homens porque todos
se vestiram de fardas invisíveis
e o real ensaiado numa caixa de teatro já não pode ser isolado
porque sou um dos apóstolos. «Gostaria de olhar
para esses episódios como se pudesse evitá-los sem pensar
num conto em quadradinhos que se assina para a riqueza
dos pobres». Um rio seco não pode desfazer-se
do seu antigo leito onde os leões acabam por perseguir as glórias
que cristalizam as sombras. Ter memória das longas chuvas
de Malange que deixaram no refúgio mangas que foram
amassadas pelo teu ventre. Eu vi o teu tornozelo no meio da luz
que veio do bordado que deixou o lençol mais perto de ti e não
sei se poderia ter sido melhor
procurar no pátio algo para te oferecer: flores,
uma gaiola com gaiotas que são essa imagem da perda
de uma rede que segure
no oceano a tua
fuga.

30. Esta tarde vou ficar à porta do bar para saber
através de um só ouvido o teu nome... descer até onde o mar
esgota a sua força borbulhante de branco.
Um lápis de pedra escreverá o teu nome como proa à deriva
de uma paixão que se adensa numa mala que o exílio deixou
abandonada
sobre uma pedra.

30.1. Eu queria estar aqui sem pensar nas interrogações
como se há muito eu tivesse lancetado o furúnculo
de onde jorrou parte da minha coragem.
Não, não quero pensar como a morte
chegara para a Lorena quando a idade era ainda para ser levada
pelos sonhos através de um cavalo que passasse garboso longe
dos cemitérios. A perda não pode ser a posse de um sonho se não
temos como deixá-lo à superfície onde se possa aplaudir
uma obra através do primeiro alarme da alma. «Oh, juventude,
quero-te mais eterna por não poder viver
a mesma dose de soníferos! A minha
mãe pode colocar mais um jarro com tulipas negras
para que perante si mesma possa usar um chicote
entre nossas culpas por nos terem
visto caídos sobre os joelhos». E os olhos conhecem o horizonte
porque são quem vive o peso das lágrimas e não servem
o pânico que num panfleto gera o sonho. E dois gémeos arrumam
o quarto para procurarem nas paredes e tectos a razão que tenha
mexido de forma severa a cidade – por vezes ficamos assustados
quando a lua passa apenas na hora mais indesejada
da angústia. O suicídio chegou através de uma corda
que foi esticada de um bar até ao seu quarto redondo.
Vi pendurada à janela uma boneca de panos
como se o mundo fosse tomado pela sua simplicidade
capaz de apaziguar os deuses, pelo que em danos vamos deixando
cair a alma onde mais podem violar-nos.
Parece até que com a sua extrema decisão se colocam
novas suspeitas, se por acaso nos dias que fiquei à varanda
com cigarros por distracção não poderia ter somado os vestígios
que pudessem priorizar a nossa atenção: «Eu estava muito dentro
de mim como se fosse descobrir pela primeira vez
o meu lugar».

31. Apago de mim os olhos como quem tem proximidades
com a morte. Oiço-te melhor assim, sem que sinta o peso
do corpo. Podes até colocar um fio debaixo de meu corpo,
sei que vais tocar as suas pontas com uma mão
que quer a perfeição.

E se te vir chorar através dessa escuridão interior
onde a Bíblia ganhara com um só verbo os seus apóstolos,
hei-de limpar
com alma os teus
olhos.

31.1. Às vezes abro os olhos na escuridão fechada
pelos meus fantasmas que tocam de forma estranha a minha vida,
como se tivesse de chorar porque jamais acreditarei
na eternidade, na forma como ela vive da imensidão dos céus:
«Porquê esse engano à vida?» Ainda assim fui quem
com mais túnicas e fervor espalhou incensos e poemas para fazer
crescer o corpo dos heróis mais que o país enfraquecido na margem
de um ritual que fez as mães ficarem nuas à porta das igrejas
apegadas a um só rosário. «Oh, África! Vejo na sala o leão
refastelado na poltrona mais bonita e as crianças no mesmo lugar
abrem os livros da Celestina, mas seguram
em seus colos uma cobra com tranças porque só fora de casa
ficam assustadas». Ensinas-me a ficar
junto à coluna do lago onde um velho prefere pelo gesto apanhar
a tua imagem e coloca um batuque com pele de cabra que orienta
a aurora depois de ficares sentada em meu colo.
A ilusão pode partir através do sangue e o meu medo é não poder
dizer-te que te amo perante a desconfiança da tua mãe.
E herdas as suspeitas mais antigas,
ainda do tempo em que a tua mãe olhava
para o horizonte através do buraco da agulha, cabelo com tranças
procurando como decisão da opulência tocar
em Deus nas coisas que existiam à margem do seu
caderno de Física cheio de rasuras. Tens dificuldades em articular
a palavra que o ouvido precisa e o lugar onde o vinho brinda
à última fantasia que fez perder o nosso sono. É por ti que escrevo
essa estrofe entre sonhos atrasados, um espaço sem relógios
porque não estás. E os quadros, apesar de bem colocados,
perderam a beleza,
porque não sei se valeria alguma coisa pôr-te diante do poema
como um espelho inferior onde toda a tua imagem
mais parece o que a sua superfície
não pode ser, por exibires as mesmas chagas
que afastaram com campas
os irmãos.

32. O que pode tocar em dolência o meu violão se ainda procuro brincar, procuro com duas mãos e um baloiço acariciar os teus joelhos para que nenhum dia te seja mais pobre em distracção ou ilusão.

O meu violão agora é inútil como o dinheiro que atraiu a Ximinha, porque tu chegas à minha cintura primeiro do que o som dedilhado pelas luas que foram deixadas à entrada dos bares onde um poeta f) perguntou: «Onde está o mundo?». Que missão se pode traçar se eles saem da noite com mais dúvidas e a desilusão faz doer mais até se tornarem inconsoláveis? Nessa noite oiço-te melhor se tirares comigo essa bandeja de frutas que deixaram perto do coração todo o seu ofício de hálitos que reconhecemos sempre que mudas o lençol para morarmos mais uma noite.

32.1. Entrei na discoteca Mussulo e toda a luz
vermelha ficou ensaboada na túnica branca que cobria
o teu corpo por inteiro. Ah, e toda a forma era já uma mistura
de outras cem imagens que fizeram parte do meu fogo! E já imagino
o teu joelho pela nudez que se faz perfeita com o apoio
de penas de pavão que ocupam a concavidade de minhas mãos
que merecem a destreza mendiga porque só a paixão pode mover
as areias do mar. E tu olhas para mim respondendo
com a dança do cálice
que não sai da direcção horizontal dos teus lábios
e parece até que uma palavra fixa a distância só perceptível
quando sorris. Olhas como se eu primeiro
tivesse de duvidar se é por minha causa
que despes um homem, pela mais antiga fantasia
que me torna em igual músculo. É um desejo que passa afiado
pela tua língua que limpa de forma mágica a borda do cálice
de Amarula. «Açúcar!», alguém gritou, conheces essa súplica
porque não se pode guiar um desejo por entre folhas de revistas
pornográficas, é algo de limpo e inocente... «Oh, menina
de ébano, deixa cair o cálice porque já ensaiei como posso chegar
perto de ti sem que os cacos firam a lua. No caos dessa noite
de luzes verdes, vermelhas e perfumes fortes, já sei como apanhar
com a ponta da tua túnica o meu pássaro
que só sabe estar aí onde
estás, junto ao
bar».

108 • *Olimias*

33. O terço que vamos dividir em dor dormiu na santa
da Muxima, porque precisamos outra vez de receber os filhos,
de falar pela via das cicatrizes, já que são elas que mais dizem
da nossa condição de mortais
apesar de o soba preparar pepitas de ouro
para o seu esquite.

33.1. Nada pode afugentar o coração da sua visibilidade porque o mundo seria mais fechado, petrificado e sem pátrias que pudessem confortar os pedintes e mutilados que mais desprezam as utopias desvendadas pelos poetas. «Oh! O lápis afasta-se da verdade porque o pão estabelece a dimensão e ofício das escolhas que não podemos por ela fazer obras. Todo o amanhã, por mais que tome o lago em seu mais espelhado brilho, mais parece a mesma prece (e não tem o encanto que junte num só dia os poetas e ilusionistas todos querendo adiantarem-se a Deus para que decida que haja uma só aurora), a mesma foto, a mesma lâmpada apagada. Sobre essas migalhas organiza-se um comício onde todas as palavras te oferecem um Deus que deves amar mais do que o teu eu», «São generosos porque toda a maquilhagem e brincos constroem um palco onde podes ficar sete dias ajoelhado sobre uma mentira e por ela as bruxas mais missangas oferecem. Todas as palavras aparecem para anular a lucidez que ergues na mais densa solidão e batem palmas como se estivessem a habitar numa catedral pervertida da sua função em mais ilustrar como se pode amar sem vias de guerra e algemas». As palavras são voláteis

(Cont.)

porque quando ganham
existência resultam de um jogo de escolhas, jogos virados
para os tesouros que mais brilham no xadrez das aparências
que elegem os mais poderosos. «Estiveste a limpar
as minhas chagas e vi como te seria fácil voltares a ferir-me
com o sabre de uma guerra
exagerada, até pela dor que ninguém sabe mais chorar». Esse azul
assim tão especial era só porque com essas asas leves poderíamos
estar mais perto dos filhos, primos e amigos, deixando impressões,
sonhos e objectos nada ovais que, de quando em vez,
caíssem da mesa mais plana: «Uah, alguém nos visitou!». Já
o silêncio não poderia ser irmão dos objectos porque se afastou
do piano. E quando voltei à terra... Atenta, tu encheste
os pulmões e recuperaste o coração já tocado pelas tuas orações
ditas de uma forma quase acusadora porque demorava a resposta.
Depois falaste-me nos filhos como se eu não os conhecesse
e tivesse de os amar mais do que à experiência vivida entre duas
mãos: a dos médicos e uma outra, a que chamo de Mão
de Deus, mesmo que o Lenine da minha juventude
sorria da minha fragilidade
humana.

Vasconcelos, AB • 111



34. Todo o teatro foi subvertido e eu chego-te verdadeiro
como um autor que perdeu o guião no exacto momento
em que tinha de estender o lençol. «Meu filho, não é pelo
mundo que se trava sempre num dos actos que vais deixar
de representar a ti próprio
com o que mais te faz meu e orgulho dos vizinhos
que enchem o quintal, quando nenhum leão ruge mais forte
que as tuas razões». «Oh, meu neto, mostraste-me através
de um poema como foi possível
viveres sempre com a mesma jura,
apesar de tantas vezes teres desistido
da herança».

34.1. Vais sentir que não te coube só a ti o fardo das nossas dores. Eu ainda chamei por ti quando deixámos a sanzala. «Ah, nada se pode comparar nas contas do destino, mas tu foste um leão com um dedo apontado para uma utopia». Olhei para o céu e segui apressadamente uma nuvem, porque sabia que mais tarde olharias para o mesmo céu para encontrares a forma do meu regresso. «Eu guardei na ponda uma unha de terra da sanzala para misturar nas areias desconhecidas da tumba do nosso filho cuja morte fez tremer os meus sonhos. Estive no limite, eram mais os precipícios do que o chão de prados que nos pudesse afastar da tempestade pelos passos que fossem inteiramente nossos». Não cheguei entre quatro mãos e nem o pastor abriu a sua porta, mas eu tinha todas as estórias que não foram minhas e tinham de ser contadas e tu terias de as colocar sobre a pele esticada e dura de um tambor que se enche de noites e fogueiras. «As peles de cabra esticadas nos tambores já não juntam a lua nos dois pés de um dança capaz de sarar o coração. Ah, amor, que os velhos pudessem passar descalços e cada um com a sua ovelha e deixassem no campo de todas as batalhas as divisas que valem tão pouco apesar de lhes ser bastante a vaidade!». O velho Ngongo ainda abriu com uma flecha

(Cont.)

a minha camisa para ver se as minhas palavras tinham as mesmas cicatrizes para valerem em boa verdade. «O nome, a sua forma redonda de mundo, já não vale uma honra, bênção ou toga enganada em ouro grosso, precisas de um saco de moedas que seja exibido com todo o brilho e batons: porta». «Não elejas com oiros as tuas palavras. Prefiro que te sintas mais apoiado nos teus gestos capazes de fazerem durar entre as coisas e convicções a tua força e perfeição de artífice. Venho ferida não pelos riscos e inveja com números de bois e cabras de bom leite mas pelo que restou depois das guerras onde só os verdugos ficaram orgulhosos... Vê a tua crença que mais parece a mesma ou em piores auroras. Não te dispas na praça, essas chagas têm culpados e a maquilhagem é o único meio que te pode oferecer uma vida que não tiveste». Uma sanga que guardou a água mais antiga foi vertida em meus ombros como se pudesse limpar todos os sangues, culpas, insónias de água e a divisa de todas as guerras que não chegam em valor perante esse desejo que levanta uma semente nas terras da Kanjala.

Vasconcelos, AB • 115



35. Oh! Ainda temos mais intimidade com o fogo que ocupa
o espaço onde os anjos buscam o nosso kissange. Ainda sinto
na minha mão
toda a magia dos escultores que estão por dentro dos gestos
que buscam em nós mais anos para levantarmos o vigor
do amor. Rejeitas o Viagra que está escondido no armário
de cozinha, lugar onde os homens mais escondem entre panelas
sujas de fumo as suas frustrações.
Contam-se as pétalas caídas com a mesma pena
com que despedimos
a primavera.

35.1. Junto do coração colocas um jarro de domingo que celebra
a nossa decisão perante a queda terrível das auroras
quando sentimos que nos falta algo mais: às cegas, tu preferes
perder-te nos meus braços
onde ergo um amante saído de um desterro talvez mantido
pelo «eu» que em ti reprimiste para seres mais introvertida.
Haverá sempre um «ego» que desconhecemos
e através da sua imaterialidade
podes reconhecer só com um olho e um castiçal a idade
do meu Deus. «Ó, coração meu farto sonhar nossas lutas
com as dores que nos fazem odiar as mães, foste tu que fizeste
descer pelas mesmas razões
o medo e nenhum alívio veio juntar o íntimo apaixonado
a um búzio que leva dentro de si as viagens». Um jarro de domingo
serve para impedir que os pensamentos fiquem mais preparados
pelas sombras que dominam o mundo. Não é por uma escada ser
colocada no último verso do teu poema
que te surgirão mais horizontes que juntem
num só apreço toda felicidade. «Ó, amor, esse coração já foi
o teu melhor convívio quando tudo excitava a tua curiosidade
mais forte que o sangue. E os contactos permitiram que falasses
com o dedo indicador apontado a um nome
que passou pelo teu refúgio». «Tu existes no meu sangue,
só aí podes defender a tua juventude quando tratamos de sacudir
o pólen dos lençóis que brilham na baba que os manchou. De onde
te sentas sai um brilho intenso como se tivesses
como teus mestres dois padres
que conhecem
a solidão».

36. Todos os dias fico à espera do teu sorriso mesmo antes da luz de cacimbo ser mais intensa até nos encolher mais pelas partes de nós que foram intocáveis.

O meu mundo fica mais perto do teu ventre,
até porque tive de procurar os nomes como quem
pela primeira vez abre um saco cheio de brinquedos
e os pais choram por dentro
como uma tempestade cria novos desertos, choram sem boca
e muito mais pelas fístulas da vida por tudo o que não tiveram,
mesmo em pouca importância: «Oh, meu filho, lutarei
contra a inclemência das âncoras do mundo
que o leva em mais
dilúvios».

36.1. Quando te pedir um cálice de vinho quero que o teu gesto
assinale a doçura do amor onde mais és tu... Nos teus ombros
parece que poisa uma lua crescida no verso de um poeta
que nunca abriu os olhos para o interior das coisas.
Sempre sofri com o pouco de mim recontrado e os olhos
sem poderem fazer a ilusão pelo que não tive em berço
e essa ânsia como dádiva das estrofes, já que o meu ego
foi sempre o lugar onde a vaidade mais espelhos
espalhara para mudar o ângulo da minha fraqueza. A escola
primária levanta-se com dois anjos que dizem que uma vontade
pode fazer-nos mais amigos do encontro que não se conta.
«Aqui deixo a nossa idade que traz de forma límpida a alternativa
intacta que desprezamos porque o que muda
ficou cortado pela linha das estações», «Poderíamos esperar
fora de uma estação só pelo vento que pega nas folhas
secas», «Nada te deve parecer exacto se o não viveres».
Uma rasura fecha o que de dentro de si não tem nome
nem diferença por ser um âmago que nunca tivera
uma posição que deixasse a luz mais perto de partir a sua
trajectória, que já não é física, mas repleta pela tua decisão
depois de conhecermos sentados no chão da igreja
os seus limites. E não se pode criar por esses versos
o que não se alcança por dentro
dessa contradição feita de pedras e crenças aproximadas
pelos panos do Congo oferecido a um Deus que está em nossa
preocupação mais do que o rio Kwanza,
que não conhecemos, porque ainda ontem
pela boca de uma jacaré-mulher foi levado
o noivo mais belo
da sanzala.

37. Vamos falar dos filhos agora que a lua
apazigua as nossas especulações... Do fundo da rua
já não vemos altifalantes do tamanho de uma noite debaixo
das asas das corujas contra os ouvidos da madrugada
com nomes dos mais fortes
para soletrarem a ideologia que gosta da alma
da juventude. Vamos falar do Konjika que está há duas
semanas atrás de suas próprias sombras, tão fechadas quanto
mais longo se faz o caminho em pedras e espinho
no seu regresso ao passado onde é maior em susto
a sua solidão.

37.1. Pegamos no passado para sabermos como os nossos pais aqui chegaram com as mesmas utopias em algum pátio do tempo maltratado. Atiram-se com ilusões porque são chagas cheias de letras e nada serve de denúncia apesar de o juiz estalar os dedos perante a falência dos egos. Ouvem-se os passos com medo mais pelos passos seguintes porque África deixou uma eterna fogueira nas mãos direitas dos velhos que já estão mais bem preparados para as mentiras e não podem desistir se nada lhes diz o parto das mulheres que mais dão pátrias. A cabeça do soba é um céu onde os castiçais entornam ceras para apagarem o que o coração pode fazer reinar perante a fraqueza que mais está exposta pela luz intensa dos sonhos que só se acreditam nas profundas cicatrizes que ficam visíveis na alma. Amam-se os nomes como um príncipe enterra em sua cabeça toda a glória mais pelo brilho do ouro da coroa que deixa de fora o que mais marcara em lágrimas e chagas o exílio do reinado. Promete-se ter esse passado não como o tempo o deixara cravado na tábua das razões, já o temos pela mão dos pintores hábeis em reporem os mesmos brilhos d'ouro na coroa que pode permanecer na lama. Não, não conheço o nome do poeta que dorme na campa mais alta onde recolhe com muitas forças de adjectivos o embuste para que uma coroa valha mais que o simples mas verdadeiro olhar sobre o que fomos depois das confissões dos pais.

38. Ela ouviu a música até lhe entrar nos gestos
e foi apanhar água à fonte e eu estava à espera dela no melhor
lugar que escolhera a intenção, já que o corpo estava quente
pelas suas fantasias que via cama onde o real eram lavras
cobertas pelas ramas de batata doce. «Relva»: dizia a mente
de forma repetitiva até que a cabeça aceitasse
a fuga.

38.1. Olhou para as minhas mãos e já dançava com a música
que só ela sabia e eu apanhava o passo através dos gestos
e deixava-me enquadrar nos seus movimentos.
Existem gestos que passam atrasados pelo relógio
de uma vida e pode sentir-se outra vez a oferta
da juventude pelas margens que mais criam fantasias
contra o anel doméstico. «Essa dádiva só podes fazer durar
se a paixão poder juntar todas as vertigens que mais apressaram
as ideias para junto do fogo que cresce quando tuas mãos
descem até ao meu ventre», «E estou em graças e festa
por poder olhar-te com a mesma inexperiência da adolescência
onde sempre inventara um nome para chamar-te
como o verão levanta mais luz». Eu não me importava com
o nome da música que tomara por cima de um cavalo
que conquista o chão das lavras cobertas de relva onde misturo
o suor e a terra. Aqui até parece que é o amor que foi a obra mais
demorada quando Deus tocou os objectos para lhes dar funções:
«Amor e terra, uma única razão que atravessará
toda a existência», terá dito,
só que os homens depois prepararam uma vingança
para conhecerem o destino das nações: peste.
«O primeiro barro teve moldes que mais foram partes
das mais violentas febres por ver-Me tão sozinho. Sozinho
não seria possível criar para o vosso terço uma penitência
do tamanho de uma cruz que teria de ser segurada por todos
os povos e continentes». Eu salto outra vez
(por muito que olhes
através do que atrasámos)
para o teu cavalo que confirma como é o amor a arte
que mais dura pelo suor e pelo delírio da mente
capaz de segurar numa só prancha de domingo
todos os sonhos. Já eu sei o nome da música que encheu
o teu corpo quando deixas a luz fazer por aqui toda a perfeição
que levas nas ancas. Ou quando o olhar não sai mais para fora
dos teus seios... E ainda me engano a chamar o mar
para os teus pés.

39. Estive à varanda com um mar à frente que ergueu
a tua imagem, nada ficou com sombras
porque em teus ombros se fez o lugar da luz
que agita por dentro os espelhos
até só tu poderes ficar intocável no meio da rocha onde levanto
só para ti uma gaivota: «Espera, eu vou contigo». E sigo
o que acontece com a água que parece abraçar a tua cintura
de gesso branco onde outros prisioneiros escreveram «Tudo
em ti é mais por graça dos exageros de Deus quando olhou
para Si próprio e disse admirado: Não sou». Pedem-te
com ofertas de diamante que olhes só uma vez para dentro
dos Seus olhos como se fosses por lá ficar
como uma garra de insónia
que cerca de ideias
o coração.

39.1. «Oh, não te posso deixar perto do fogo que se adensa nas fantasias desses homens que afunilam o mar nas braguilhas onde as suas mãos apontam para a lua!». Tudo é pequeno quando te encolhes em meu colo e com saliva retiras de meu rosto o que senti em dor na última desconfiança por teres dito um nome que não era o meu e teres aguentado o meu silêncio de faca numa longa noite que aceitei fazer durar numa vela que desfizesse a confusão. «Alguém fez um postigo na porta para descobrir com um olho o lugar onde abandonei a tua camisa», «Diz-me o seu nome», «Seria necessário que uma poetisa estivesse sentada nas almofadas de nossa cama». Os dedos entram onde as aves mais afastam os espelhos para tornar mais escuro o encontro, ajudadas pelas ousadias dos cegos que conhecem antecipadamente o lugar dos gestos que são únicos quando o violão assusta por dentro a solidão: «Diz-me o seu nome numa boca que escolheu a fantasia», «Esse nome foi construído com o coração encostado numa praia onde os homens tiravam os músculos da água como se o paraíso fosse uma tarde presa em tuas unhas», «Podes encontrar-me no que, não sendo eu senão no gemido, possas dizer-me que chegaste de Paris com lírios roxos depois de cobrires com linho cor de champanhe o teu corpo». Só mais tarde notei que era um nome tirado de uma febre que só a tua alma sabe trocar no fundo de um espelho onde um dia deixámos andar as identidades mais estranhas.

40. Não,
não posso retirar o espelho que leva a tua imagem
para o anel da lua, pois aumentas o fascínio com o ventre
que arranja o lugar onde os poetas descansam com as canetas
abertas e o teu nome continua o ofício da insónia apesar
de o quererem como ficção.
Um pescador teima em dizer que vê o teu olhar
quando o céu desce com lâminas de luzes mortais por onde Deus
volta à terra para tornar
mais infinito
o destino.

40.1. De um sonho o pescador retira o disfarce que vai deixando o coração mais preparado para enganar a ideia. Escreve um verso com o único jarro de água colocado no fim da rua 15 e a palavra já não é como o volume perfeito que sai dos teus movimentos que têm o sono como seu último acto.

As palavras chamam por mais facilidades que celebram os musgos que fazem sobre um lençol as ousadas margens dos corpos. Negrejo o momento para soltar duas fantasias que me separam ainda mais da velhice e quantos mais lençóis forem dobrados com o movimento das tuas ancas e bustos mais entramos no mangal onde as mãos estão proibidas de ficar fechadas.

«E eu murmuro porque não vens só de um lado e fosse o toureiro estar pronto para uma morte sem escolhas na ponta dos chifres, tão previsível como se conhece o passeio repetido do sol, amor, essa escuridão deu-me mais geometrias que só a cegueira sabe aproveitar em intensa aguarela que os poetas mais aguçam com estrofes». Escreve-se um verso com a única trança que prende os teus pulsos. «Desculpa, eu vejo duas tranças que seguram os baloiços que criam uma festa para o nosso salto», «Um mukixi oferece a terra vermelha para o vigor da nossa língua, mas deixa no capim o kissange

(Cont.)

que solta uma música que oiço
quando vejo o mundo através da bacia de teu ventre». Toda a imagem que vem dessa cegueira desgoverna os gestos que rodeiam a tua presença, e o espelho pelo que lhe vai em reflexos devolve o leão diante da tua beleza que sobe numa chama o infinito. «Tudo se esgota nessa fome que abre o teu ventre com pontadas de música. Ainda a lua estava presa nas persianas com bainhas no chão, vi um mukixi deixar um batuque que passa nos dedos esticados que conhecem o refúgio onde a elite desvaloriza o mundo porque só nesse lugar podemos amar o país». «Olha, amor, nas bainhas onde a lua está presa, vejo um berço que faz ultrapassar as tuas entranhas e depois apetece-me dizer: Que importa que o segundo depois possa estar mais virado para novas lutas porque um filho é mais do que as nossas crenças? Uma nação começa pelos seus passos». «Olha, podes numa das direcções segurar pelo umbigo os meus dias como se nada tivesse que te rogar, uma escrava da cidade à espera do seu guerreiro». A chuva neste momento

Vasconcelos, AB • 129

(Cont.)

não seria mais rápida nas marcas de nudez que inutilizam os poemas diante dos frutos que só tu sabes morder. Os frutos num prato de esmalte como se essa fome tivesse outra vingança: insónias que abram mais mares como o coração possui na sua distração um amante sem ideia da sua dor. O pescador teima em ficar sentado numa pedra onde os náufragos gostam de repetir sem parar os nome das sereias até deixarem o mar mais vermelho quando a lua precisa de teus ímpetos para ser mais aberta. «Olhas para o teu ventre que faz a única curva que o mundo permite quando tens que organizar com azulejos os teus sonhos e olhas para o tempo através das tuas dores antigas porque tudo merece um desconto nos terços que seguram os dias». Dois namorados sentados num banco partido da Marginal, puxam a lua com os seus gestos que conhecem as tranças da noite e parece um jogo bordado». Os frutos no prato de esmalte seguram a lua
c4 no cotovelo do mar. O Tiba estraga-lhes o momento: «*O valor do passado*, não está na conta das vossas heranças, nomes e datações, ele cresce na falta descarada de futuro»

130 • *Olímias*

41. Sempre abandonada nos pensamentos que correm
pelos teus dedos que traçam os teus cabelos e, assustada,
sentes que existe uma despedida e precipitas
duas lágrimas que trazem a intensidade da ilusão. Ao bairro
interessa que o sábado tenha uma porta aberta no pátio
da madrugada onde um jovem converse com prostitutas
mais tristes que deixam
o bar encostar-se em seus
ventres.

41.1. Podes venerar o nosso mais antigo santuário que torna os teus momentos menos rígidos, ciente que podes ainda segurar a minha mão e dizer «Vem por aqui, toquemos em outra ilusão debaixo dos nós que tornaram estáticas as fantasias que colocavam uma cobra nos umbigos que inclinam a manhã». Pode-se pegar numa pedra com muitas frestas, pontiaguda como determinam as tragédias, dar-lhe um peso de mundo para que a realidade perca o seu encanto porque adiamos a expressão da verdade até para que se fale de um sol que não se erga, mais baixo que a montanha que desfaz o ócio porque não podes deixar de ver. Pode-se preparar uma igreja com portas abertas, um rosário sobre todas as dúvidas e sentires que a rispidez e a coisificação das tuas apreciações fazem o teu amor vacilar porque queres aperfeiçoar algo que Deus deixou com defeitos até para que existam as peregrinações que procurem salvar os povos. «Olha, amor, como tenho tão profundas as minhas chagas que fizeram a mais alta tribuna onde tive de ler os últimos e mais perfeitos tratados da alma para que pudesse sair dessas encruzilhadas». «Mas eu apoiei com desilusão a minha permanente desculpa, apesar de todos os jarros de casa estarem com flores vivas, porque a batalha estava demorada como se por mais tempo se pudesse compreender porque é leve a terra das tumbas». Por mais mundo que essa pedra ganhe em escuridão até fazer melhor uso da amnésia, toda a areia movediça sobre nossos pés pode impedir que a vida tenha novos abrigos, portos e discursos. Onde está o excesso dessa fantasia que passa pelo sangue com a autonomia do fogo? Podes não perder o meu hálito que se demora na fruta que deixei atingida pelos meus dentes como se quisesse recordar a divindade do nosso momento mais longo no meio de sete macieiras. Pelas ilusões ignoraste a minha dor como se eu pudesse alterar as razões que por nos serem tão estranhas não podemos fixar na terapia que seja capaz de estender novas camas. As mãos ainda tentam repetir os gestos como se viessem de uma promessa com altares suficientes para criarem a perfeição.

42. Não quero por esta cartilha, que mais parece escrita
para uma feira onde o brilho é intenso e anula a magia
inédita que passou pelas mãos de Deus, ser o vosso melhor
discípulo com a memória saturada em todas as vírgulas.
Já não podes aproximar ao meu coração
quando de razões se faz uma batalha toda a encenação
da mentira que prepara sempre um herói que temos de amar
entre pódios distantes do chão que pisamos até acharmos
que nesse xadrez da existência somos insignificantes.
Colocam-se os crachás em todas as feridas que tentam fazer
o teu pânico interior para
que o erro seja a sina da tua
sanzala.

42.1. Esse crachá conheço de alguma festa que parou a vida da sanzala e foi cunhada com diamantes que abrem a glória como algo eterno que não precisa da nação: «Oh, vontades inalteráveis que usam um pulso magoado no último confronto onde a verdade feriu outras ilusões!», «Oh, soba! Tens agora como falar dos heróis que amamos sem conhecer o respeito que lhe devias em muito escárnio porque também mil vezes acordaste com o galo para escureceres também o caminho que, apesar das ciladas, poderia levar-nos a conhecer como os reinos são uma grande farsa». Uma culpa pode deixar mais inútil os crachás porque olha-se para o que se constrói a partir das hipóteses que o âmago deixa existir depois de conhecer pela palavra como Cristo ofereceu o rosto. Esse é um louvor que te faz entender o valor de uma guerra. «Tens razão, meu filho, deixei cair a máscara porque o barro não faz uma ilusão perfeita só porque conhecemos de perto a vaidade dos artesãos, só porque são quem mais conhecem na intimidade mais curva a rapidez dos dedos de Deus. Toda a feridade venceu em mim a gaivota para que nenhum horizonte mais pudesse servir-me em fuga com o peito aberto para conquistar com bondade o que perdemos depois de nos mostrarem que mortes deixaram Deus mais desconfiado da sua própria obra mais trabalhada nos únicos sete dias que nos mereceu em corpo: a alma».

43. «Tiremos o sal mais grosso e passemos pelas nossas feridas para que o sangue mais puro possa correr por entre as nossas vergonhas». A noite arrasta-se pelas asas direitas de corujas que nasceram debaixo do pano do Congo da velha Kundinga. «É urgente que sintas que só abraçados aos valores que os pais tentam guardar com mais valor do que o ouro que serve de passadeira para que o palácio domine de forma mais plena o horizonte onde os poetas apontam toda a energia e aguarelas que foram o melhor e mais longo segredo da vida».

43.1.«Olha quantas pepitas d'ouro podem abrir o brilho de nossa casa mais que o esforço em afectos que fazem perder o que definitivamente és. Por mais intimidade que tenhas com o dramaturgo Caracol, conheço essa perda mais do que o valor do sangue». A Kinkela deixa cair de seus braços uma túnica de seda e toda a imagem só ganha luz à sua volta. Sabe contar as pedras velhas que cobrem o chão e as paredes da sala que conhecem essa sua posição que imita os leões: «Deus não escolherá o ouro para dar-te a eternidade e pior é saber que o ouro que te anima não pode guardar as tuas decisões como se por elas pudesses ganhar a tua divindade». «Não, não é por se estar no alto da maior montanha que a palavra vale mais do que a verdade dos que estão no prado mais baixo e plano». Esse ouro já vi num saco abandonado quando tiveram de olhar através do coração os nomes dos assassinos e o prumo ficou sem valor... Daí não se poderia construir um tribunal onde pudesses morrer. «Meu filho, uma canção não precisa da língua para nos mostrar o mistério, basta-lhe esse espaço interior onde um anjo que venha de algo que nos doeu foi à festa, para deixar uma marimba capaz de mexer a terra», «Falo-te d'ouro, assim como te poderia dizer simplesmente que por culpa desse brilho nações desapareceram enganadas no sangue. Oh, amor, falo-te com essas mãos que abriram inclemências para que os escravos dançassem no nosso pátio até responderem pelas suas sortes!», «Viraram a paisagem numa g) cancela». Lá fora o mundo é igual a uma África que vem com os seus heróis que sabem que o ouro limpa tudo, mais do que a água que escorre pelo chão da casa mortuária: «É uma água pesada no seu longo percurso mas que leva em boa guarda e aleluia a vida para tornar mais pura a terra».

44. «Não consegues olhar para a paisagem apesar de estares de pé sobre o pódio d'ouro que tem conta nas pátrias claudicadas e nas tumbas que substituíram o fascínio da adição quando só o Diabo teve arte e tempo de contar o número de naufragos», «O olhar da águia faz-se pela plaina de um carpinteiro que sabe como a perfeição engana até tornar útil o embuste». Aparências que trazem o Carnaval mais preparado para fingirmos o que não somos nos dias que nos pedem por mais amizades. «Oh, meu rei! Mais leve seria se depois de veres os escombros das nossas vidas pudesses abandonar com toques de clarim toda a glória agarrada ao metal mais procurado que vem em maior altivez e pergaminhos quando os apóstolos untaram d'ouro o feltro do Papa interrompendo o ideal de Cristo que podia dizer em bom verbo mais do que a garganta em gritos»: «Olhem para as palmas dos meus pés: podem contar o número de chagas e misérias humanas percorridas e com os joelhos em sangue, podem por estas crostas e unhas rachadas compreenderem como tem sido longa a procissão», «A cruz é quem fixa numa só pálpebra o mundo». Que a sanzala saiba pela força do gesto guardar em seus corações a toalha em sangue que lhes faça amar os filhos apesar de os seus olhares escolherem as sombras.

44.1. Kinkela está à janela como se viesse do horizonte e pudesse dominar os elementos decorativos: vitrais com linhas doiradas, madeira preta do Uíge, marcas deixadas por mãos de um carpinteiro que inventou a cadeira onde o juiz mais teme que o mundo se desmorone (e eu, poeta, interrompo para confessar: «é o meu pai, Paulino, que um tétano acabara com o seu diálogo com a beleza»). Tudo permanece enganadoramente tão polido para o engodo durar nos quartéis. «O ouro para o chão das tumbas não faz o aperto de uma corda que serviu ao suicida a mais escura imensidão onde se devolve em pares de mármore a morte». «Oh, meu amor, é ouro para as cidades onde podem os filhos viver como estrangeiros abençoados por deixarem África mais sozinha!». As geografias são ordens desiguais porque Lhe tremeu a mão direita quando dividiu a sorte jogada do alto da montanha até nos sobrar uma cripta de mármore preto que mais se insinua como tão depressa deixamos de querer-nos na diferença que os antropólogos gostam de exaltar nas teses que ficam fechadas nas gavetas mais caras dos bancos. «Eu não desejo esse ouro que só tu sabes fazer em conta pelo tamanho do nosso luto. Prefiro que esse chão de pedras que pisas garanta em geometria o desafio que te fiz depois de voltares com as mães que te perguntavam pelos seus filhos mais belos. Disse-te que deixasses no pátio todo o ouro para que pudéssemos iniciar a mais longa procissão feita sem toalhas de algodão molhadas em águas das melhores fontes... Só assim, pela mesma dor, mesma sede e ilusão, poderíamos amar o aleijado que bateu dez vezes à nossa porta fechada com mil cadeados que endureceram a indiferença».

- h) A luz passou pela sala e deixou que um poeta que escuta tudo pela cegueira procurasse o fim do enredo com estrofes que pudessem pautar em melhor arranjo o quanto não somos por força da verdade.

45. Calado, visitas com o melhor cavalo-marinho o teu
passado com vontade de abrir uma vela que ultrapasse o mar
que morre com a gaivota que esteve sobre o parapeito
da tua janela. Também te assustas porque te falta uma espora
e já não podes aguentar por sete dias as acusações,
porque o verbo banaliza-se onde existem dúvidas,
porque se sente que vão longe
essas viagens que mais partem a cal branca,
que rodeiam por dentro
o amor.

45.1. Fecha-se a urna para não podermos ter mais sombras
sobre o que é puro. Ultrapassas o desgosto como sempre
foi hegemónica a pedra de mármore onde tudo são horas distantes
pela via da saudade onde os filhos até são efémeros
porque acompanham a estrutura de uma parede rachada.
Pode-se até colocar nessa espessura um sino sem o seu martelo
pronto para mostrar o teu sofrimento. Calado, visitas em primeira
classe o teu passado com vontade de abrir uma vela que ultrapasse
o mar que morre com a gaivota
que esteve sobre o parapeito da tua janela e já não podes
aguentar as acusações que mais partem a cal branca
que rodeia o amor. Cai uma bandeira no mesmo chão que circunda
o hospital e já estás sem força,
porque na montanha derrubaram uma estátua
que há muito deixaste ficar perto das tuas crenças e o olhar atravessa
essa dor que espalha um terno agradecimento recitado numa praça.
E por sua causa redonda sentes que podes trocar num acto
de valentia a tua vida, porque a igreja é construída à saída
dos bares: «Ainda posso confessar com o coração familiarizado
com o fantasma que tinha o seu ritmo nas agruras
que vinham marcadas pela atitude dos vícios». E não podes viver
porque é uma invenção que está na página amarrotada
pelo poeta Tiba que pela língua deixou cair a garrafa antiga
de Chivas que passou num saco
que Nova York deixou exilar: «Porra,
é um poeta sem mãos, só sabe
usar o engano
dos olhos».

46. Oh, nada se pode ocultar porque precisas dessa verdade
projectada sobre os teus dias (e eu que vejo de fora sei
como é bela a tua presença frente ao mar e trocas
tantas coisas que deixas a teus pés e ficas sem continente)!
Tudo é materno e devemos chorar
pelas nossas culpas, tentar soluçar com o coração
por nos faltarem tantos pássaros no âmago que define
como um dia se faz perante os destroços escolhidos
pelos sobas. Lá em cima é um céu viciado, medonho,
porque à sanzala é oferecido com novas bases
d'ouro o nome dos heróis que tens de imitar
até para que o engano inutilize a tua mente. «Vais amá-los
com a mesma dor com que se denuncia

- i) o crime mais perfeito». «Na maternidade mãos inábeis
olham para os bebés e já lhes dão um destino à volta
de contentores onde as placentas conspurcam o mundo,
porque esse é um silêncio que Deus prepara
para que os dias se tornem mais frágeis, já que a dor
que lhes vem em paga e em troca de templo e ouro pesado
criará um padre para as nossas culpas», «Ei! E tu, poeta,
porque escondes no bolso da batina a noite que ocupa
a tua estrofe? Ao menos que mostres pelo verso
como te negas numa luta que perdemos
a reinventar pela plástica do verbo
o herói!».

46.1. À saída da cadeia vi como o verdugo
que conhecia o nome de Lenine estava em todo o lugar
sempre erecto, como se o mundo só existisse por essa via
de desafios, mas à procura de um parceiro entre algemas,
porque esse tipo de amor só o conheces depois de matares
por dentro o teu pai. Eu pelo postigo e tropeços de vinho
já conhecia melhor o homem
porque alguns diante de mim abandonaram
o que os fazia mais belos, por muito que fossem cariados
os seus dentes. Suspeito que temos a pior divindade,
porque aguça-se a vingança por coisas tão baratas
que nunca teriam troco se olhássemos melhor.
E alterámos com sangue o nosso chão e não chega o vinho
que se entorna à porta. «Essa é a verdade mais pura
e veneramos os escritores que preparam os discursos
como se enfeita um jarro de rosas; estão aí enfileirados
para erguer uma primavera porque somos sempre
perseguidos pelas trevas».
«Um jarro só ocupa esse espaço porque o tempo
deixou de ter a música como seu anel.
Só a luta desafia uma paixão sem geometrias
porque esses Bérias africanos abandonaram as suas entranhas
e seus sexos e não lhes valeram como travão
os olhares ríspidos das mães», «Jamais fixaremos
para além das auroras o nosso passado, fugimos dele com Diabos
por ajuda porque se brinca com a verdade
numa caixa
de vidro».

*Um leão enche de juba o prado
mas a montanha tem uma só solidez:
os homens que fecham a lua
no teu ventre.*

Vasconcelos, AB • 143



47. Viste como o lençol amarrotado ofereceu ao poeta
um cavalo sem esporas para descobrir a margem mais viva
da vida quando gemes e todos os outros sons ficam ocos. Sons
que fazem as gaivotas poisarem sobre os peixes no mais alegre
suicídio do céu. Tudo podíamos ganhar já que tínhamos
a janela aberta que dava para uma festa onde todos eram
infelizes. E eu via através das gaivotas como o teu gemido
passava pela minha pele: «Não se pode saber o que uma pedra
vale numa calçada, mas o cavalo que está amarrotado
pelos lençóis deixa em mim um horizonte que só a sua
velocidade arquitectada em dívida
acende o castiçal que atravessa o quarto
com a janela aberta por onde os poetas
podem fazer passar as
insónias».

47.1. Estamos entre os silêncios levantados com a força
do cavalo que passa por um rio de leite que prepara a lua
nas franjas dos lençóis. A velha Ndongo dança no quarto que ergues
acima da franja da tua fantasia e depois vem o tacto, a cama
de relva molhada fica mais próxima do que se afia
para dominarmos a noite diante desse mundo tocado por ti
como um achado. Tens como largar a gaivota
porque sabes que a ponte desse rio de leite são os teus
ombros onde eu procuro viver só mais um sonho. Pegamos no mar
e nos barcos para encherem
o espaço do quarto limitado por um grande castiçal
(os dias não chegam para refazerem um único instante
que se vive na relva) e seguro com ajuda das paredes a tua dança
porque a velocidade do cavalo deixa novas partidas: «Oh, filhos,
tudo pode ser melhor se deixarem a ilha no lugar
onde se disputa a morte por essa pressa de vida
que a minha idade de panos pretos
já não sabe
viver!».

146 • *Olimias*

48. «Só dentro de mim vejo essa velocidade que deixa o castiçal
no meio do lençol onde se faz o brilho da lua depois
de passar pelo leite e esse cavalo não pára porque corta
com a sua espada o que as frinchas das janelas e portas
gostam de trazer nos exactos momentos em que temos de estar
completamente surdos e cegos para esse mundo
dominante. Toca em mim o sono que me faz
estar diante do violão que conheceu através das minhas
lágrimas, da pele que envelhece diante de um espelho
que não devolve nada, a mais longa
morna da
vida».

(O espelho não devolve nada porque as olheiras deram-te tudo)

Vasconcelos, AB • 147

48.1. O círculo dá outra geometria ao quarto porque a lua está presa no teu tornozelo esquerdo: «É o cavalo que parte esse espelho que aumentou o violão que trouxe perto do altar a morna e é através dos estilhaços que escrevo as tuas palavras». Se através dos versos adivinhares como um lençol nos estilhaços agudos pode prender o cavalo dentro dos espelhos que lançam os barcos e as espumas no lugar em pedra das ilhas, prometo-te, eu hoje abro a janela do lado onde podes ver como os poetas escutam com estrofes o eco do quarto que roda sobre um pires que faz a morna mais lenta. Dentro de mim a vida só agora conta de verdade. Pelo que nos falta, agora tudo completa a minha ilusão, assim como uma criança recebe um brinquedo, o centro das suas noites com nova almofada. «A vida tem essa aventura que chega embrulhada num cavalo que parte para um lugar sem batalhas porque a violência das lanças vem em forma de cintura que deixa o cavaleiro em terra».

148 • *Olimias*

49. «Olha-se para o epitáfio e sabemos como tantas frases não puderam cobrir os veios das nossas vidas», «Estivemos sempre com o rosto pintado com lama branca para mais juntas de noites esconderem o ego». O tesouro que domina o nosso quarto só o poeta pode dar-lhe existência entre insónias e lagos porque só assim podem os cavalos permanecer velozes nos umbigos das mulheres que dançam descalças com máscaras dos homens que fugiram da guerra e agora sabem como se domina a madrugada».

49.1. «Olha: é a missanga do Loge que deixa em teu ventre o leão mais veloz porque os teus pés pequenos parecem ter dormido na selha de mel raspado nas costas da noite parada nos cachos das bananeiras». O brilho da tua pele deixa o leite cair mais denso sobre a lua que trazes pendurada nos gestos. «Entram os músicos de kissange e a arte dos dedos é outra vez nossa na forma para que sintamos como Deus inventou a paixão». A cor vem do prado através das libelinhas que guardam o sol nas suas asas e todo o pintor é essa invenção que começa em teu ventre. «Eu vejo um coral de mulheres de panos que deixam mais cinza branca sobre o lençol até que o leão sinta que é inútil ter a memória das guerras antigas».

150 • *Olimias*

50. O griot sentenciou: «Não olhes, entra para dentro da velocidade do leão e vais encontrar os membros inferiores da Ximinha em forma de sereia das águas doces e salgadas, sentada sobre dois pires onde Mamã Tuni se desfez dos sábados até preparar as vossas insónias dentro dos dedos que foram viciados pelo kissange».

50.1. «Eu vi os tambores puxados pelo ritmo de teu corpo como se o avesso das coisas fosse só agora descoberto na cama onde um leão levanta pela ideia sem ordem a noite». Podes trazer o kissange nos teus dedos apesar de tornares inferior o espaço do quarto para que se faça uma ilha redonda. A memória serve para que se conheça o nome dos óleos que misturados com lama fazem com que as gaivotas dividam o teu corpo em dois mares. No teu cabelo as missangas coloridas fazem perder a minha escolha e logo que olho com mais detalhe todo o brilho fica concentrado em teus lábios combinados com as palavras que dizes e oferecem fogo para a ilusão. «Vivemos dentro do castiçal onde a luz se alarga com o que me podes oferecer. A uma sereia não chegam os mares, o pingo de vinho, a túnica de linho... Eu estarei nesse fundo de água e unhas que criaste em mim e passa pela tua voz que enrola com mel as palavras o que desperta a minha ideia».

152 • *Olimias*

51. «O que sentimos não podemos oferecer em castiçais
para os poetas aproveitarem o descuido que cai com a tua saia
de linho». Todas as velocidades deixam os cavalos meios
mulheres/sereias e meio essa força de músculos que podem
pegar o mundo pelos arrepios que tocam os dedos
dos escultores. «Não, não posso escrever o que o teu cinto
divide dentro de meu ego tornando tão mais fácil
aceitar o que o dia nos oferece como
diversão». Uma ilha é ocupada pelo leão sempre
que a cinza molhada mostra o brilho
da tua pele.

51.1. Os poetas estão à janela para poderem conhecer os versos que estão mais próximos do fogo como se não tivessem como ordem dos sonhos as palavras. Um ofício não faz o sagrado, não move um suspiro. E não podem deixar de perseguir essa ilusão com a ilusão dos que vivem cada instante de procura. «É essa troca de emoções que faz a utilidade da música porque sinto na cabeça que posso esticar a pele de cabra sobre os batusques. Encontramos um ritmo que levanta a cinza branca que foi colocada em teu ventre pela mais-velha Ximinha que conhece os homens». «Olho para ti e sei como essa música pode ficar presa à minha cintura rodeada pelos anéis feitos de osso do leão que mais percorreu o prado para encontrar a pior miséria: a altura do pedestal dos homens». «Coloco a terra e água dentro do castiçal para que o sono chegue numa charrua e o delírio possa encontrar um nome para o filho. Só o sono assim amarrado com pondas e missangas oferecidas pela Ximinha pode oferecer um futuro» (uma recém casada atira para dentro do nosso quarto o seu vestido de noiva e depois deixou de olhar para os lados: *“O mundo tem uma distância que nem mesmo o sonho pode alcançar”*. Escreveu para o seu epitáfio).

ANDAMENTO

Vasconcelos, AB • 155



a) Uma ilusão pede uma faca afiada na pedra que nos servira em avisos para tomar em três golpes os teus silêncios. Sei que já foi um triciclo numa rampa sem norte: «Ou é uma juventude que joga numa folha uma casa tomada pelo fogo», «Fala-se alto com essas palavras que já foram mais amigas do violão devido à recusa de socorro», «Confesso que se rasga um panfleto na bacia de excrementos para as palavras poderem ser só visíveis pelo aperto do coração», «Pior é a irresponsabilidade de quem escreve ciente que a sua obra liberta mais ilusionistas num campo abarrotado de deslocados sem certidões de nascimento». Pior que procurar o número do filho perdido é ficar a saber que todo o sol não chega para escrever em nós o «País». Dizes que me cuide em melhor escudo e hóstias porque afinal o *coração* de um homem não pode defender a nossa amizade porque somos sempre estrangeiros uns dos outros. Foi com mais de duas noites juntas presas numa só moeda que o vizinho montou o crime e já não chega com batuque o nome das famílias.

O coração de um homem é um país estrangeiro.
provérbio africano

Vasconcelos, AB • 157

b) Uma tábua é quem mais faz durar as razões que levaram os discípulos a não esquecerem os sete dias mais humanos de Deus. «Pedes o teu perdão apenas porque essa tábua é mais que a mão direita que fez tudo girar à volta de uma prece», «Preciso de dizer-te que não pude colocar com as minhas mãos o barro como parte de uma estrofe que fosse capaz de ganhar o teu perdão diante de uma casa mortuária». Falo-te de uma *fogueira alta que não deixou em cinza as nossas razões* e com muitas pontas dirigidas só à paixão para ver se o que dura, mesmo que o sol se enterre na montanha mais alta, pode alterar essa nossa falta de confiança.

A verdade passa pelo fogo sem se queimar.
provérbio africano

c) Falemos com os olhos iluminados até para que se possam conhecer os dedos que fizeram o nó que atravessa tudo como uma causa da angústia com as suas sombras, valioso jogo dos juízes, amnésias de vidro fosco onde se perdem os rostos dos assassinos. O juiz assustado levanta o fim do cigarro longe do início das suas reflexões, só lhe resta na memória o despacho numa página com cascas duras de ficção que desfazem pelas palavras mais bonitas a realidade. «Afasto-me de vós como os poetas se afastam da rua, são olhos que nunca viram a cor de uma flor depois de pisadas». Às vezes levanta-se contra os cinzeiros o fim do cigarro e está-se perante a resposta graças a uma pedra cuja importância é nenhuma, se não pela sua textura que indica um esboço ou uma letra que desafia as imagens íntimas. «Toda a verdade deve ser ouvida porque só é divino o que Deus torna mortal». O choro vem do mar, conheço esse milagre porque um poeta na torre mais alta da cidade levanta uma porta com o apego das mãos.

No seu ninho, a gralha arranca os olhos ao abutre.
provérbio russo

Vasconcelos, AB • 159

d) «Os olhos pertencem ao coração porque dentro desse mundo existe uma relação de inimizades que iniciam o valor do amor e sentes que o que te acontece em cegueira responde pelo silêncio que endireita à noite as pétalas das flores que atravessam por dentro a ilusão». A idade com que se adia a verdade pode dividir pela fragilidade as epopeias que ainda necessitamos até para mostrar que existe outra folia que ama o homem. «O coração pode querer a beleza da imagem muito mais pelo que perde, já que por muito que juntes as mais preparadas razões tens de acreditar que te falta a materialidade mais importante que faz a límpida frequência das estações onde encontras já sem fagulhas a lareira da idade». E morres por tudo o que não dura no coração como satisfação, como o veio solto da eternidade que se adianta até sobre a noção de tempo. «O que dói quando mais nada podes oferecer ao mundo, mesmo tendo por acréscimo a essa dor o luto e a guerra, é o coração não poder ser melhor na escolha das imagens. Os erros são o que mais fazem a ingenuidade da idade, por muito que os arranhões dos joelhos sejam tratados com mercúrios».

Os dentes podem rir enquanto o coração faz outra coisa.
provérbio africano

e) «Uma pátria não vale um filho como alívio das tuas loucuras». Podes olhar para o cotovelo do nosso mar por ser maravilhosa essa visão que transportas sozinho do teu âmago para a estrofe, mas jamais o sal te servirá para sentires os limites de bronze que deixam à porta os crânios que são troféus que diminuem a grandeza das acusações que só podem ser ouvidas se tiveres ao lado de cada vogal um terço. «Uma pátria não pode ser arrastada pelo teu verbo que tivera primeiro um palco de ensaio onde todos os políticos bateram palmas. Estivesse agora a tua mãe acordada entre nós e não pegaria (muito menos benzeria) a tua mão direita, já que outro coração te tomara por inferior eleição a feição de infância».

O crocodilo esfomeado não escolhe a presa.
provérbio africano

Vasconcelos, AB • 161

f) Uma vara, por mais ríspida que seja a sua força, não torna o tear no lugar mais perfeito com a visão de costume onde se foge com o mundo às costas.

Não existe chicote para os que se enganam a si próprios.
provérbio russo

g) Crias em ti um leão com o que pensas e não te pode salvar uma espada preparada em guerras mais antigas. E tudo se desmorona muito antes das respostas dominarem a raça, apesar de o céu ter escondido como tarefa o encontro com a tempestade, e todos vivem suspensos pelas surpresas: «O Ngombe morreu com a última imagem que fez demorar a alma sobre essa materialidade desassossegada porque perdeu tonalidade o azul do céu que se adiantava à notícia», «Ainda segurei a sua mão direita e com a língua ao avesso balbuciou que a apertasse sem o desperdício dos músculos porque o sangue, com essa força inútil para quem vê, essa pequena velocidade de glóbulos brancos, levantava por inteiro os pátios e as meninas da sua infância». Apesar de a cidade ficar só com mulheres, mulheres que perseguem a lua sem um cinto que aprisione o que lhes faz cheirar mais a leite, mulheres que se aproximam do mundo com a vantagem do ventre aberto, e porque as dores só em suas entranhas conhecem a origem do sangue, tudo agora ganha o silêncio dos instantes que levam uma *borboleta* para o mais alto tronco de espinhos que ocupa o prado.

A borboleta que pousa num espinho corre o risco de rasgar as asas.
provérbio africano

Vasconcelos, AB • 163

h) O que recebemos do coração é a alma através das coisas que se nos apresentam por dentro, com uma luz invisível onde a íris flutua como espelho do mar e que só alcançamos ajudados pelo olfacto. Os cheiros antecipam os traços adoptivos das coisas, mesmo o que tocas precisa de invisibilidade. Reprimes o que viveste e a chaga marca-te com pássaros de quantos céus passaram diante da tua decisão ferida em verbo porque vives cada momento como se o passado tivesse de se demorar no arranjo das teias que prendem o dia. E o sorriso está aí não para que te entregues e fales com o que de mais fundo existe em ti, ousando usar mais palavras que venham com o sangue, sólidas como as unhas. Mas de repente terás de olhar como é tão perfeito o corte de escopro do carpinteiro e depois será tarde quando vergares a tua orelha esquerda: «Não verterá um gota de sangue», dirá a tua mãe que olha para os teus dias através de cristais que só Deus sabe guardar.

Se o espírito do homem dança mal, Deus impedirá o tambor de tocar.
provérbio africano

i) Estamos perante um dilema, até porque toda a interrogação é uma velha argúcia que usamos na sanzala, porque todas as palavras chegam à mão do criminoso que escreve a história com o esbirro dos seus mortos, mortos que se traíram a si próprios quando por delicados instantes de vida pensaram que a bondade abonava até as mãos dos piores gendarmes. Os escritores tinham como vigiar com os lápis presos num laço de juiz a solidez e a sintaxe da ficção que deixou uma mesa partida sobre a folha, já que só através da sua brancura poderás ignorar a verdade. Um *flash* de notícia ocupa os jornais: «É nomeado o pior verdugo para corrigir o passado dos mortos que ficaram sem tumbas porque precisavam de esconder a vergonha». No Jornal Zoológico, a notícia não é inocente, está na segunda página da necrologia: «Um político ficou sete dias sentado à frente de um leopardo para da beleza das suas manchas pensar como se faz durar o engodo que levante todo o parlamento em palmas». E as causas envelhecem cedo porque o tempo não chega para corrigir a trajectória do planeta. «Com estragos de sabre cai sobre a tua vida essa bondade envergonhada, já que na colmeia cabem todas as vespas», «O tambor já não toca porque uma dança sem pés não pode animar a sanzala, por maior que seja o disco da lua». A sanzala dorme com as mesmas coisas de ontem: as pessoas que não voltaram depois das nuvens finas anelarem a montanha. «Que valor teve o sangue de inocentes que se aproximaram das ilusões com o pouco que tinham em herança?». E ficas tentado a imaginar como se poderia ter solto do açaimo um leopardo com a fartura de um estádio sem que daí saíssem os corações marcados pelos lutos. «Oh, soba Ndundi, nomeias um verdugo de fato apertado com linhas de nobreza, mas que vive enclausurado na herança que faz morrer pelo tamanho de um mastro o país».

Nunca tentes mudar as manchas de um leopardo.
provérbio africano

Vasconcelos, AB • 165



Índice



Vozes internamente viajantes (...)	pág.
Viajo tão fundo dentro de mim, lá (...)	pág.

*Vem o mar preso a uma tábua que conhece
os naufrágios das nossas vidas.*

1. Estivemos nus sem que pudesses saber (...)	00
1.1. Tu desejas esse momento em que (...)	00
2. Na cama coberta de linho branco (...)	00
2.1. O que foi que disseste que fez (...)	00
<i>Clípe 1, andamento do 45º verso</i>	
<i>«desilusões abertas»</i>	
3. Disseste-me uma palavra que (...)	00
3.1. Disseste-me uma palavra que (...)	00
4. Poderiam as palavras ser uma só dádiva (...)	00
4.1. A primeira letra a brincar em (...)	00
5. Deixas a porta do celeiro aberta (...)	00
<i>Ler conteúdo da alínea a)</i>	
5.1. Uma cobra, por força das mil vezes (...)	00
6. Oh, Kimbela, a morte do teu (...)	00
6.1. Mesmo com a vara comprida de (...)	00
7. Não é por se ter duas razões em (...)	00
7.1. Fazes-me acordar com uma só (...)	00
8. O cágado sabe com que perdas (...)	00
8.1. O cágado só sabe escolher (...)	00
9. Uma ilusão levanta-se de um (...)	00
9.1. Um cabelo longo com o resto de (...)	00

Vasconcelos, AB • 169

10. O soba fechou o estádio com (...)	00
10.1. Fomos para o tapete onde	00
11. Preciso de uma outra	00
11.1. E olhamos para os filhos com	00
12. «Eu juro que não entendo	00
12.1. Oh, amor, respondo ao nosso (...)	00
13. Num quadro de sala pode-se (...)	00
13.1. Não percas tempo na (...)	00
14. Oh, amor, a luz cresceu pelas (...)	00
14.1. Oh, amor, Deus tocou o teu (...)	00
15. Ela chora mais com o coração e (...)	00
15.1. Queima-se um poster porque o (...)	00

*Cai uma página que se enche de utopias e todas as mãos sabem
que obras podem mostrar se o ego é uma farsa da
vida.*

16. E pode-se estar a meio (...)	00
16.1. É no cume das montanhas (...)	00
17. «Ide ter com o vosso pai e (...)	00
<i>Ler alínea b)</i>	00
<i>Clipe 2, Andamento do 1º verso</i>	
<i>«montanha»</i>	
17.1. Por trás da montanha está o (...)	00
18. Oh, amor!, só tu manténs o (...)	00
18.1. Oh, amor, já te disse como Deus é (...)	00
19. As armadilhas foram (...)	00
19.1. A pobreza quando vem (...)	00
20. E dizes com o terço na (...)	00
20.1. Mostra-me se pelo menos (...)	00
<i>Ler alinia c)</i>	
21. A boca que incensa é muitas (...)	00
21.1. Esse excesso de criação é (...)	00
22. A morte é uma simples conversa (...)	00
22.1. À morte interior ofereces uma (...)	00
23. O teu largo gesto chega para (...)	00

23.1. Eu posso ouvir o segredo (...)	00
24. A dois palmos da tua (...)	00
<i>Clipe 3, Andamento do 26º verso</i>	
<i>«kissange»</i>	
<i>Extra-Clipe 1, sub-andamento do 47º verso</i>	
<i>«...relógio o maior engano»</i>	
24.1. E chamei pela minha (...)	00
25. Choraste como pedem as (...)	00
25.1. O quadro está na sala à (...)	00
<i>Ler alínea d)</i>	
26. «Quero ver os ossos dos meus (...)	00
26.1. O rio Kwanza pode levar-te (...)	00
27. É tão grande a alegria por (...)	00
27.1. Não se pode interrogar se a (...)	00
28. Fico perdido quando os teus (...)	00
28.1. Se pelo menos pudéssemos (...)	00
29. E o olhar vai longe sobre uma (...)	00
29.1 O olhar e o tecto amam a (...)	00
30. Esta tarde vou ficar à porta do (...)	00
30.1. Eu queria estar aqui sem (...)	00
31. Apago de mim os olhos como (...)	00
31.1. Às vezes abro os olhos na (...)	00
32. O que pode tocar em dor o (...)	00
<i>Ler alínea f)</i>	
32.1. Entrei na discoteca Mussulo e (...)	00
33. O terço que vamos dividir em (...)	00
33.1. Nada pode afugentar o coração (...)	00
34. Todo o teatro foi subvertido e eu (...)	00
34.1. Vais sentir que não te coube só a (...)	00
35. Oh! Ainda temos mais intimidade com o (...)	00
35.1. Junto do coração colocas um (...)	00
36. Todos os dias fico à espera do (...)	00
36.1. Quando te pedir um cálice de (...)	00
37. Vamos falar dos filhos (...)	00
37.1. Pegamos no passado para (...)	00
38. Ela ouviu a música até (...)	00

38.1. Olhou para as minhas mãos e (...)	00
39. Estive à varanda com um mar (...)	00
39.1. «Oh, não te posso deixar perto (...)	020
40. Não posso retirar o espelho que (...)	00
<i>Clipe 4, Andamento do 57º verso «valor do passado»</i>	
40.1. De um sonho o pescador retira o (...)	00
41. Sempre abandonada nos (...)	00
41.1. Podes venerar o nosso mais (...)	00
42. Não quero por esta cartilha, que (...)	00
42.1. Esse crachá conheço de alguma (...)	00
43. «Tiremos o sal mais grosso e (...)	00
<i>Clipe 5, Andamento do 28º verso «chão da casa mortuária»</i>	
43.1. «Olha quantas pepitas d'ouro (...)	00
<i>Ler alínea g)</i>	
44. «Não consegues olhar para a (...)	00
44.1. Kinkela está à janela como (...)	00
<i>Ler alínea h)</i>	
45. Calado, visitas com o melhor (...)	00
45.1. Fecha-se a urna para não (...)	00
46. Oh, nada se pode ocultar (...)	00
<i>Ler alínea i)</i>	
46.1. À saída da cadeia vi como o (...)	00

***Um leão enche de juba o prado
mas a montanha tem uma só solidez:
os homens que fecham a lua
no teu ventre.***

47. Viste como o lençol amarrotado (...)	00
47.1. Estamos entre os silêncios (...)	00
48. «Só dentro de mim vejo essa (...)	00
48.1. O círculo dá outra geometria ao	00
49. «Olha-se para o epitáfio e (...)	00

49.1. «Olha: é a missanga do Loge que	00
50. O griot sentenciou: «Não olhes (...)	00
50.1. «Eu vi os tambores puxados (...)	00
51. «O que sentimos não podemos (...)	00
51.1. Os poetas estão à janela para (...)	00

ANDAMENTO

a) Uma ilusão pede uma faca afiada na (...)	00
b) Uma tábua é quem mais faz (...)	00
c) Falemos com os olhos (...)	00
d) «Os olhos pertencem ao (...)	00
e) «Uma pátria não vale um filho (...)	00
f) Uma vara, por mais ríspida que (...)	00
g) Crias em ti um leão com o (...)	00
h) O que recebemos do coração é (...)	00
i) Estamos perante um dilema, até (...)	00





Vasconcelos, AB • 175



